

Campina nas festas natalinas

ATENDE VÍTIMAS E PAGA ENTERRAMENTO



Prefeitura acha que houve fatalidade e suspende festa

CAMPINA EM PEDAÇOS

A TRAGÉDIA DE JOSÉ PINHEIRO EM 1974

Juliana Nascimento de Almeida

Uma das crianças quando dava entrada no Pronto Socorro

Adriana Bento, pai de Ana-tácio - uma das vítimas fatais

BLICO EM

ERAL

IOS DO

A" E "A"

À dor e ao luto

A Tragédia do Natal

Teve um final trágico o Natal deste ano da graça de 1974 em Campina Grande. Um Natal com mortes e corpos mutilados por culpa de um responsável, ao que apurou-se que se tratava da prisão do indivíduo que se queixou de oxigênio no pulmão do pai de Pinheiro.

De que se trata, tanto, a maior culpa do acidente aconteceu a cidade, dando um colorido de tragédia aos festejos natalinos.

Um dia mais em o município de Campina Grande, em 1974, a cidade viveu o Natal. Mas a tragédia do Natal em Campina Grande, em 1974, foi a morte de uma criança, Ana-tácio, de 10 anos de idade, que morreu em um acidente de trânsito no dia 24 de dezembro.

Após o acidente, a Prefeitura suspendeu os festejos natalinos e realizou uma investigação para descobrir as causas do acidente. O resultado da investigação mostrou que a culpa era do pai da criança, Adriano Bento, que estava dirigindo o veículo que colidiu com a criança.

Nativa



NUPEHL

Cidade da por furacã

**CAMPINA EM
PEDAÇOS:**

A TRAGÉDIA DE
JOSÉ PINHEIRO EM 1974



Editor

Lucas Manoel Freire Monteiro Cabral

Conselho Editorial

**Luíra Freire Monteiro
Flávio Carreiro de Santana
Emerson M. Alves Silva**

Conselho Científico

Bruno Rafael de A. Gaudêncio (IHCG)	Maria Liége Freitas Ferreira (UFCEG)
Eliton S. Medeiros (UFPB)	Laudemiro L. de Figueiredo Filho (IHGB)
Flaubert Barros Leira (HGGP)	Lucira Freire Monteiro (UEPB)
Flávio Carreiro de Santana (NUPEHL)	Luíra Freire Monteiro (UEPB)
Glauber Paiva da Silva (UFPE)	Luiz Carlos dos Santos (IHGAN)
Hélio de Sousa Ramos Filho (UFPB)	Maria de Lourdes Lopo Ramos (UEPB)
Hilmaria Xavier Ribeiro (NUPEHL)	Maria Ida Steinmuller (IHCG)
Iordan Queiroz Gomes (NUPEHL)	Thomas Bruno Oliveira (IHGP)
João Pereira Silva Neto (IHLS)	Thuka Kércia Moraes de Lima (MDCG)
José de Sousa Pequeno Filho (IHSE)	Vanderlei de Brito (IHCG)
Juvandi Dos Santos Silva (UEPB)	Vicentina Ramires (UFRPE)

Conselho Científico

Designer gráfico	Emerson M. Alves Silva
Capista	George Tenório Pinto
Revisão linguística	Vanuza de Oliveira Barbosa
Normalização técnica	Wellington Figueiredo



Juliana Nascimento de Almeida

**CAMPINA EM PEDAÇOS:
A TRAGÉDIA DE
JOSÉ PINHEIRO EM 1974**



Campina Grande - 2021

É permitida a reprodução do todo ou em partes, desde que
corretamente citados todos os dados bibliográficos.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Almeida, Juliana Nascimento de
Campina Grande em pedaços [livro eletrônico] : A
tragédia de José Pinheiro (1974) / Juliana Nascimento
de Almeida. --
1. ed. -- Campina Grande, PB : Nativa Edições, 2021.

Bibliografia
ISBN 978-65-00-191112-7

1. Brasil - História 2. Campina Grande (PB) -
História 3. Bairro do José Pinheiro de Campina
Grande : Paraíba - História 4. Memórias I. Título.

21-62648

CDD-385.314098133

Índices para catálogo sistemático:

1. Bairro de José Pinheiro de Campina Grande
: Paraíba : Estado : História 385.314098133

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

SUMÁRIO

Prefácio	
Introdução	7
OS CAMINHOS DA CIDADE: CAMPINA GRANDE NA DÉCADA DE 1970	9
1.1. A emergência de um bairro-cidade: situando o José Pinheiro	10
1.2. A memorialística do lugar: o homem que deu nome a um bairro	13
ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE, VESTÍGIOS E RASTROS DE UMA MEMÓRIA JOSEPINHEIRENSE	16
1.3. Lugares de representatividade e sociabilidades: O Círculo Operário e a Igreja de São José	17
1.4. Lugares de divertimento: Dos pastoris de Zé Pinheiro à festa do padroeiro	21
PARTE II	26
MEMÓRIAS AMARGAS: A TRAGÉDIA DE 1974	26
1. OS FESTEJOS NATALINOS NA PARÓQUIA DE SÃO JOSÉ EM 1974	26
1.1. A quermesse da morte	28
1.2. A Tragédia Nas Páginas Do Diário Da Borborema	29
1.3. A caça ao “culpado”: O garrafeiro da morte	32
UM LUGAR PARA A MEMÓRIA: A PRODUÇÃO DOS BALÕES DE 74	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	41

Prefácio

O “ZEPa” AOS OLHOS DE JULIANA – UM EXERCÍCIO DE MEMÓRIA HISTÓRICA

Para os que nasceram em Campina Grande, é inegável a concretude de perfis simbólicos, estabelecidos ao longo dos anos, a respeito de determinados territórios da cidade. E numa cidade que avançava rapidamente além de suas fronteiras primitivas, como o velho açude, cujo derredor foi juncado por inúmeras indústrias, natural que seus novos espaços fossem representados no contexto do estupor que o vertiginoso crescimento da urbe proporcionava.

Assim foi o caso de inúmeros bairros que foram formados, especialmente, durante ou após a reforma urbana de V. Wanderley. O prefeito-trator, em sua ânsia de renovação arquitetônica da cidade que enriquecia rapidamente, não se acanhou em derrubar moradias simples do centro comercial da cidade, obrigando seus moradores a, com uma indenização nos bolsos, migrarem para novos lugares, em franco povoamento.

Um desses lugares foi o bairro de José Pinheiro.

Formado desde a segunda década do século XX, na proximidade das inúmeras lagoas da região com nível mais baixo do sítio urbano, nos terrenos de propriedade de José Dantas e Marinheira Agra, o povoamento que ali se alocou vislumbrou as bases da existência: água em abundância e a possibilidade de acesso à terra agricultável. O foro de lotes de terra e a prática disseminada das atividades agrícolas e pecuaristas fizeram do local espaço para onde afluíam gentes interessadas em trabalhar e ganhar a vida.

O fluxo crescente de pessoas para aforar as terras ali disponibilizadas por seus proprietários, dispostas a trabalhar no regime de terças e meia, levou ao emergente sítio, mesmo desprovido de qualquer ação do poder público, nomes como o de José Pinheiro, curandeiro experimentado, e Manoel Sales, filho de palestinos que chegara em 1914 à Campina Grande, afeito ao comércio.

Manoel Sales aforou terrenos e construiu casas para aluguel. Com seus irmãos, abriu uma pequena indústria de doces, que se destacou pela qualidade de seus produtos, vendidos na feira campinense e, posteriormente, levado para comercialização em outros lugares da Paraíba.

José Pinheiro abriu uma bodega, onde passou a comercializar além de víveres, garrafadas e mezinhas em geral. De natureza alegre, José Pinheiro deu vida ao então chamado “bairro do açude velho” com a encenação domingueira de animado Pastoril, que passou a atrair gente de outras partes da cidade para assistir “as pastoras de José Pinheiro”.

Como o uso faz o costume, o bairro ficou conhecido pelo nome do velho curandeiro, lançando no esquecimento o nome da mulher que fez benfeitorias no lugar e promoveu-o de sítio inculco à povoamento emergente.

Durante o Estado Novo, quando Campina se desmanchava e se reconstruía sob as ordens do prefeito reformador, restou aos que perderam seus lares no centro da cidade acorrerem para o novo bairro, tomando a canoa às margens do açude e indo se abrigar nas antigas terras de Marinheira Agra. Nestas, agora em franco processo de urbanização, já a floravam a capela dedicada

a São José, a Casa Paroquial e o Círculo Operário, que demarcava aquele território como específico de trabalhadores, especialmente os da SANBRA.

Mas como tudo não é só prosperidade, as estiagens prolongadas em outras regiões paraibanas levaram ao êxodo, marcado pelo fluxo do rural para o urbano. O bairro, mais uma vez, catalisou novos recomeços, mesmo que de gente que agora nada tinha, o que alterou sua feição. De trabalhadores pobres, o José Pinheiro passou a ser, também, espaço de acolhimento de despossuídos, marginalizados, esquecidos.

A despeito de desenvolver, com a pujança possível, um comércio florescente, marcado por farmácias, açougues, padarias, fruteiras, armarinhos, lanchonetes e miudezas em geral, que se alargou ainda mais quando do Milagre econômico da década de 1970, o velho bairro sempre amargou um conhecido ranço no contexto da cidade. Lugar de macumbeiros, de aborteiras, de malandros, desdobrado em representações deletérias, que deixaram opacas, e até esquecidas, as iniciativas dos laboriosos pioneiros locais e na virtude de milhares de famílias ali alocadas.

É neste contexto que Juliana vem soerguer o *seu* bairro, marcado pela tragédia ocorrida na quermesse de noite de natal e que ela intenta não deixar esquecer. Numa apurada pesquisa em fontes jornalística, Juliana volta a um passado que não é seu, pois que ainda nem era nascida quando o trágico evento aconteceu, mas que ela assume como parte integrante do seu ser.

Desfiar as tramas crescente da jovem autora é interessante, já que é palpável sua necessidade de fazer a cidade abraçar o bairro, o seu bairro, que ela considera *feliz e ordeiro*. Ao fazer tal consideração, nossa autora afronta o perfil simbólico construído na cidade em relação ao seu lugar de origem, e ela alerta o seu leitor, firmando que o que acontecia na cidade reverberava no bairro, pois um refletia o outro, por serem partes indissociáveis.

A Rainha da Borborema também viveu os infortúnios frequentes aos centros urbanos, como o aumento da população e da criminalidade a qual sempre era relacionada às suas regiões mais periféricas. Bairros populosos, como era o caso do José Pinheiro, tinham sempre presença garantida nas páginas policiais dos jornais locais.

Seu alerta serve para repensar não apenas o bairro que ela reconstrói em sua linguagem, já que ela se volta também para a cidade que o assegura e, disfarçadamente, o despreza. Para ela, esta cidade precisa se repensar, se enxergar na crueza do contexto, uma vez ser a mesma esculpida como que

... marcada unicamente pelo progresso, como quisera em outras ocasiões os cronistas, ou a cidade que se mostra apenas pelas benesses da industrialização, efervescência de seu comércio, o qual deu destaque a este centro urbano em outros tempos, entre as décadas de 1930 e 1940. Assim como também não é a cidade unicamente do belo e do ordenado. A Campina Grande aqui apresentada é uma cidade do passado, da década de 1970 e que se mostra por suas contradições, as pulsações de seus populares que fabricam e re-fabricam seus lugares.

É interessante sentir no texto de Juliana seu amor pelo bairro, no qual, em certa altura, ela se desprende do formal e adere à linguagem popular para nominar seu lugar. É que os moradores do bairro de José Pinheiro, depois de alguns anos, simplificaram o nome do logradouro, e o bordão “Eu sou do Zepa” virou quase um hino de amor ao lugar, um brado identitário, uma ode à pretensão esnobe da Campina “rica” olhar de soslaio para os pobres que ali foram viver.

Ao rememorar a tragédia ocorrida em 1974, a jovem autora quer mostrar à Campina o que ali aconteceu. Ela não quer que seja esquecido, não porque seja um evento apenas do bairro, mas

por ser um evento da própria cidade, ocorrido ali, nas proximidades das paredes da bela igreja de São José, onde corpos foram despedaçados em decorrência da violenta explosão de um cilindro de hidrogênio.

Ao se conder com o levantamento do drama, ela escolhe meticulosamente as palavras para construir a memorialística da desgraça, destampando-a ao presente, para que não esqueçam o que aconteceu com os moradores do bairro, campinenses, cidadãos:

Inúmeros eram os relatos de horror sobre tal acontecimento, até mesmo dias após a tragédia, o trauma se instalava. Tendo em vista que com a explosão do artefato, vários pedaços de corpos foram arremessados em casas e na própria Igreja, sendo comuns os relatos de pessoas que encontraram restos de corpos nos tetos de suas casas, denunciados, quase sempre, pelo mau cheiro desenvolvido com o avançar do processo de decomposição desses restos humanos.

A construção de Juliana é de uma originalidade surpreendente pois, como historiadora, ela transita do geral para o particular, embora não volte mais para o geral. Da cidade ela vai para o Zepa, e ali ela reconstitui a memória histórica existente sobre uma tragédia, uma memória que – ela afirma – muitos sequer querem lembrar. De tão doída, preferem esquecer, não falar. Seu “bairro-cidade” é seu mundo, seu cadinho.

Contudo, talvez sem o notar, Juliana vai espicaçando o discurso jornalístico, fiando depoimentos, bordando em novas tramas uma dor que, evidentemente, não é exclusiva dos do Zepa. A dor dessa tragédia é de toda Campina. Vale a pena conhecer.

Fazenda Itararé, abril de 2021.

Luíra Freire Monteiro
NUPEHL

INTRODUÇÃO

Ao lançarmos nosso olhar sobre a cidade, não podemos deixar de pensá-la enquanto um território atravessado por múltiplas significações, espaços, poderes, lugares de fala e memórias, os quais revelam um dado viver e estar no meio urbano. Pensar em bairro é pensar na formação de “pequenos mundos” dentro da cidade, a qual, durante muito tempo, foi posta como uniforme, vocacionalmente harmônica e sem tensões, por visões globalizantes da história e dos acontecimentos.

Ao tomarmos a cidade na qualidade de objeto histórico percebe-se que esta se estende para além de seus artefatos físicos e naturais. A cidade, seria assim, não apenas o local onde se desenrolam os acontecimentos, mas também a própria sociabilidade, como aponta-nos Pesavento, “[...] ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos [...]”¹ deixando marcas, registros de uma ação social, de um domínio e transformação de um espaço no tempo.

É tomando tal compreensão sobre a cidade e enxergando-a como esse corpo que pulsa, vive e se transforma no tempo, que ao longo do presente trabalho, ambicionamos por fazer uma pequena contribuição à história local, a qual assume total relevância para a compreensão das diferentes tramas ensaiadas no tempo. Apresentamos a cidade de Campina Grande como objeto de estudo, com especial enfoque para o bairro do José Pinheiro.

Cabe lembrar que a Campina Grande que aqui nos dedicamos não é a cidade do presente, nem tão pouco uniforme. Antes optamos por descer o olhar para estes lugares e sociabilidades que compõem a cidade do passado mais especificamente da década de 1970 e que se exprime não apenas pelo processo de industrialização e urbanização que lhes são marcantes, mas também pode ser captada por outros olhares, pertencentes ao campo das sociabilidades, lazeres e divertimentos.

Neste sentido, abrimos em especial destaque para o bairro do José Pinheiro, uma vez que compreendemos os bairros da cidade na qualidade de células vivas, pequenas pátrias, onde o cidadão se dá a reconhecer dentro do meio urbano. Configurando-se não apenas como o local onde as coisas acontecem, mas como espaço de relação com o outro, o ser social que dá sentido ao mundo físico.

Foi justamente ao focar o olhar, para o bairro do José Pinheiro que percebemos que ao mesmo passo que o cidadão carregue em si aspectos de uma identidade campinense, também exala seu pertencimento ao bairro. Carregando as suas peculiaridades e pontos de memória, os quais lhes fazem sentir participante e pertencente a um local, uma vez que o bairro surge para os sujeitos como primeira referência de um pertencimento na cidade.

¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy, Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. Revista Brasileira de História, vol. 27, nº 53, junho de 2007, p.14,15.

Surgindo em um momento de destaque para Campina Grande ao longo de sua industrialização, o José Pinheiro emerge na cena campinense já por volta dos anos de 1920 e início 1930, como um bairro operário habitado pelos trabalhadores da antiga SANBRA² e teve suas primeiras relações de sociabilidades marcadas pelo mundo do comércio e do trabalho³.

No entanto, com o passar do tempo e o surgimento de novos sujeitos naquela localidade, nota-se que suas experiências no espaço urbano não se firmam unicamente nestas relações, sobretudo, a partir de uma intensificação da urbanização na cidade ocorrida entre os anos de 1950 e 1960. Assistimos dentro do José Pinheiro a criação de novos espaços de sociabilidades, trabalhos, mas também de lazer. O bairro surge então na cidade como populoso, operário, mas marcado pelo divertimento que também demarca a ideia de pertencimento ao bairro e pode ser captada em suas sociabilidades.

Desta maneira, pensar o bairro do José Pinheiro já na década de 1970 é enxergar essa gama de relações pertencentes às suas dinâmicas, seus diferentes sujeitos e ações que pouco a pouco contribuíram para a imagem que se tinha deste na cidade. Acerca dessa imagem, cabe destacar que muitos dos discursos forjados para o bairro no passado reverberam ainda no presente, no entanto, por vezes marcados por olhares estereotipados e em alguns casos atravessados pelo esquecimento. Desta forma, ao nos voltarmos para uma história do bairro do José Pinheiro, ainda notamos pontos de silêncio que se tornam necessários por serem revisitados.

Foi assim, voltando o olhar a este espaço, o qual também é parte do meu lugar na cidade, que me senti instigada a revisitar algumas dessas memórias, “autorizadas” e exaltadas, assim como outras já “esquecidas”, ou para melhor dizer pouco mencionadas. E que marcam a história do bairro do José Pinheiro na década de 1970, em especial, no ano de 1974 posto como nosso principal recorte. A fim de estudar um acontecimento trágico no bairro, a ocorrência da tragédia de 1974 ao lado da Igreja de São José e como tal episódio é anunciado a dinâmica da população campinense, construímos esse enquanto nosso principal objetivo de análise para tecer este trabalho. Tendo em vista que o mesmo fora um evento marcante para o bairro e para a cidade, contudo no presente torna-se pouco conhecido por seus populares.

Antes de adentrarmos propriamente em nosso objetivo principal, não poderíamos deixar de apresentar um contexto do bairro e da cidade, a fim de situar alguns dos aspectos históricos que lhes são peculiares. Este movimento qualificou-se como um de nossos objetivos específicos, vinculado à necessidade de também focar seus lugares de sociabilidade, com destaque para Igreja de São José e o Círculo Operário, na qualidade de lugares de engajamento e divertimento. Feito isso, nos dedicamos ao nosso objetivo principal, ou seja: focar a ocorrência da tragédia de 1974 ao lado da Igreja de São José e como tal episódio foi anunciado à população campinense, constituindo-se historicamente como uma memória trágica da cidade.

Enquanto conduzir metodológico, optou-se por dois caminhos de abordagem, um primeiro estruturado nas contribuições de cunho bibliográfico. E um outro que cerca a metodologia de fontes documentais como os jornais, mais precisamente, o Jornal o Diário da Borborema, nos cadernos referentes aos anos de 1974. Além de contar a presença de fontes digitais, como é o caso

² SANBRA (Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro S.A).

³ Refletindo esta concentração dos estabelecimentos fabris havia um conseqüente adensamento de operários por tipo de indústria em determinados bairros. Os que trabalhavam nos curtumes residiam em sua grande maioria nos bairros de Bodocongó, Bela Vista e Monte Santo, já os que se ocupavam nas indústrias de beneficiamento de algodão e sisal moravam prioritariamente em José Pinheiro e Liberdade. (SOUZA, 2002, p. 35).

do blog Retalhos Históricos de Campina Grande⁴ e a fonte iconográfica sob presença do documentário "Os Balões de 74".

OS CAMINHOS DA CIDADE: CAMPINA GRANDE NA DÉCADA DE 1970

Conforme podemos atestar em muitos dos escritos historiográficos sobre a cidade de Campina Grande, assim como argumenta Souza (2011), vários foram os caminhos que conduziram à cidade na década de 1970. Entretanto, desde muito antes, esta exercia fascínio e atração sobre as populações das demais localidades, por suas qualidades urbanas, econômicas e culturais. Localizada no interior da Paraíba, desde muito cedo, Campina Grande constituiu-se enquanto ponto de influência na região, sendo inclusive descrita nos escritos locais, como uma cidade dinâmica, comercial e que despontava no ramo empresarial.

O crescimento da indústria e do comércio é sempre apontado como um marco para a cidade. A simbolizar a imagem que pouco a pouco, se pretendia criar para Campina Grande, sobretudo, no que diz respeito às décadas de 1940 e 1960. Esta já era descrita como um centro urbano carregado de títulos, história e memória, a contar com vários bairros. Conforme apontamos Ribeiro (1999), ao destacar tal período enquanto sendo de excepcional prodígio:

O período de 1940 e 1960, foi excepcionalmente pródigo, com elevado volume de exportação de algodão. Foi notável a formação de grandes fortunas, o que determinou uma expansão urbana vertiginosa. No início da década de 60, a cidade tem 21.640 prédios e mais de 70 ruas pavimentadas. Neste período já estavam definidos oficialmente os seguintes bairros: Liberdade, José Pinheiro, Prata, Bela Vista, Monte Santo, São José, Monte Castelo, Moita, Casa de Pedra, Conceição, Prado, Catolé, Palmeiras, Quarenta, Santo Antônio, Alto branco, Bodocongó, Cruzeiro e Três Irmãs. (RIBEIRO, 1999, p. 20).

É mediante citações como esta que podemos atestar que nos anos que cercam a década de 1970, encontramos uma cidade marcada por ares urbanos, a viver a “pleno vapor” o seu status de cidade, ares estes que não se findam no discurso de um crescimento comercial e industrial, mas logo também circulam por sua vida social e cultural. O crescimento da população e conseqüentemente de seus bairros, definiu não apenas uma ampliação da malha urbana, mas também dos costumes, modos de ver, fazer, morar e consumir na cidade.

Conforme dados do município⁵, no ano de 1970 Campina Grande contava com um total de 197.802 habitantes, com sua população distribuída em âmbito rural e urbano. Já com a presença de diversos bairros, vivia a todo vapor as diferentes dinâmicas urbanas. Desde avanços comerciais, até as vivências culturais de lazeres e diversão, presentes no cotidiano da cidade, quer fossem estes, em áreas nobres ou periféricas, se configuram como uma das marcas desta localidade.

Cabe salientar que além de tais dinâmicas, a Rainha da Borborema também viveu os infortúnios frequentes aos centros urbanos, como o aumento da população e da criminalidade a qual sempre era relacionada às suas regiões mais periféricas. Bairros populosos, como era o caso do José Pinheiro, tinham sempre presença garantida nas páginas policiais dos jornais locais. Em

⁴ O RHCG (Retalhos Históricos de Campina Grande), é uma plataforma digital que fornece um serviço de utilidade pública ancorada na Lei municipal nº5096/2011 de 24 de novembro de 2011. Criado por Adriano Araújo e Emmanuel Sousa.

⁵ Fonte: <http://www.sudene.gov.br> - Municípios da SUDENE - População residente (Habitação) em Situação Urbana Ano 1991 e <http://www.ibge.gov.br> IBGE - Censo Demográfico, 1970/1980/1991 e 1996 (*contagem populacional)

especial, no Diário da Borborema que se mostrou enquanto valiosa fonte para compreendermos o cenário urbano campinense.

Campina Grande, do final da década de 1960 ao início da década 1970, viveu não apenas uma conjuntura favorável à sua expansão, inserindo-se dentro do chamado “milagre brasileiro”⁶. A cidade também contava com o aumento das contradições sociais que, por sua vez, refletiram-se na paisagem urbana, assim como nas relações constituídas com seus populares.

Diante de tantas modificações, sobretudo a chegada de novos habitantes, ao longo da década de 1970 muitos dos espaços campinenses configuraram-se mediante o improvisado. Com bairros com ares de cidade que flertavam não apenas com as já citadas questões econômicas e comerciais, mas também comportavam sua historicidade, vivências, culturas e memórias as quais refletiram diretamente no sentimento de pertencimento, constituído por meio urbano.

Deste modo, podemos observar que a cidade se formou para além de seus artefatos físicos e naturais, surgindo enquanto lugar que pulsa, vive e se transforma. Um claro exemplo disso, são os bairros, em especial, o bairro do José Pinheiro, o qual tem sua história e memória totalmente atrelada a de Campina Grande, ao comportar suas particularidades assumiu contornos de bairro cidade⁷.

1.1. A emergência de um bairro-cidade: situando o José Pinheiro

Assim como Campina Grande chegou a década de 1970, com ares de cidade e a comportar grande historicidade, o bairro do José Pinheiro desde cedo já possuía destaque no cenário campinense. Sendo inclusive visto como bairro cidade, ao longo da década de 1970, segundo a historiadora Léa Amorim:

Já na década de 1970 o cotidiano do bairro muda; ele vai ser identificado como “cidade dentro de outra”, quando ocorreu crescimento vertiginoso, coincidindo com o próprio crescimento da cidade que por sua vez, correspondia à nível nacional a euforia do período conhecido como o ‘Milagre Brasileiro’ (AMORIM, 1999, p.41-42).

Conhecido por ser um dos bairros mais antigos, famosos e populosos de Campina Grande, o José Pinheiro, apresenta-se a seus visitantes e moradores para além das definições básicas que são legadas a um bairro. Sendo não apenas um fragmento da cidade, mas antes território dotado de práticas, culturas, memórias e particularidades. É fato que, ao focarmos o olhar para tal espaço, percebemos as reverberações das transformações urbanas que atingiam o local, sobretudo, o já citado aumento populacional, crescimento industrial e comercial, assim como as contradições que lhe são inerentes.

Contudo, não apenas tais questões contribuíram para a emergência do José Pinheiro enquanto bairro-cidade; nele também podemos identificar a inventividade e as articulações de seus moradores, nos diferentes modos de ver, fazer e consumir seus espaços. O que leva para estes diferentes lugares de memória no seio urbano campinense.

Ao analisarmos a história do bairro do José Pinheiro e as diferentes significações que este assumiu para cidade, encontramos a imagem sempre ligada a seus populares, afinal, são estes que

⁶ No período, compreendido entre 1968 a 1973, o PIB nacional atingiu impressionantes índices de 11%, ao ano, em média/a.

⁷ Proponho a ideia de Bairro Cidade para o bairro de José Pinheiro mediante as proporções que o mesmo assume no cenário urbano campinense.

dotam tal espaço de sentido. Entre as décadas de 1960 e 1970, ao mesmo tempo em que tivemos um grande aumento populacional, no centro urbano campinense, assistimos em José Pinheiro uma redução da sua população. A dita redução foi atribuída ao desmembramento de sua área que sempre foi muito extensa.

Desta maneira, se no ano de 1961 o bairro detinha uma população de 18.475 habitantes, correspondendo a 15% da população da cidade, como constata Wellen e Sá (1999)⁸, nos anos seguintes temos a redução desse número por conta de seu desmembramento, motivado pela implantação de políticas públicas que visavam a reorganização dos espaços campinenses, sobretudo, o chamado Plano Desenvolvimento Integrado.⁹

Embora tais dados sejam importantes para compreendermos as proporções territoriais do bairro, cabe lembrar que a sua extensão e a questão populacional não foram os únicos fatores que influenciaram para a emergência do José Pinheiro que, desde os primórdios, se destacou no contexto da cidade. Para além de tais características, as atividades comerciais deram destaque ao bairro, que se tornou “uma cidade dentro da cidade”, uma vez que seus habitantes prescindiam do comércio do centro para consumir no bairro.

Como destacam Wellen e Sá (1999), a própria localização do José Pinheiro contribuiu para o desenvolvimento de suas atividades comerciais, as quais, diga-se de passagem, sempre foram diversificadas, e a proximidade com o centro da cidade ajudou nesse destaque. Neste aspecto, ruas como a Campo Sales e Fernandes Vieira comportavam grande historicidade, na qualidade de principais eixos de ligação com o centro e os demais bairros, assim como pontos determinantes de seu comércio.

Com o passar dos anos, outras áreas de atuação se fixaram no José Pinheiro. As indústrias¹⁰ de “fundo de quintal”, especialmente ligadas à produção de calçados, firmaram-se como característica do bairro, sempre ocupado por sapateiros.

[...] Campina Grande tem a tradição em produção de calçados há várias décadas o Bairro de José Pinheiro, pode-se dizer, é um dos pioneiros na cidade. Enquanto as grandes indústrias do país, respaldadas na mais alta tecnologia, produzem mais de 5.000 pares de Calçados ao dia, as minis fábricas do José Pinheiro “suam a camisa” ou melhor, os sapatos para colocar seus produtos no mercado. São as chamadas fábricas de fundo de quintal, onde o pai é o gerente, a mãe é a distribuidora e o filho é o operário. (CORREIO DA PARAÍBA. Geral. João Pessoa: 29/03/1997,5).

Diante de tais observações, podemos perceber que o bairro do José Pinheiro da década de 1970, em termos econômicos, mostrava-se como um bairro já bastante dinâmico e autônomo em relação à própria cidade. As dinâmicas do bairro, por sua vez, não se restringiam apenas aos seus negócios. A multiplicidade de relações constituídas em seu meio, ainda mais no que diz respeito aos seus espaços de sociabilidades, quer fossem estes de trabalho ou de lazer, nos permitem aduzir a sua historicidade e seu legado de “bairro cidade”.

⁸ Este dado demonstra o quanto o bairro era populoso no contexto da cidade.

⁹ Em Campina Grande, o Plano de Desenvolvimento Integrado propunha o disciplinamento e ordenação do solo urbano, o controle das ocupações das zonas centrais e o desenvolvimento econômico e social a partir do controle das populações periféricas. Estes fatores contribuíram para a inserção da cidade em dois programas nacionais de investimentos: o Projeto CURA e o Programa para as Cidades de Porte Médio. (CARDOSO, 2002, p.45)

¹⁰ Acerca do processo de industrialização no bairro, nota-se que desde cedo, este se firmou como um bairro de tradição operária. Ao congregarem a maioria dos trabalhadores das indústrias de beneficiamento de algodão e sisal. Entretanto só podemos demarcar uma intensificação industrialização no bairro a partir da década de 1960.

Foi no âmbito do divertimento e dos lazeres que o José Pinheiro se destacou, a partir de uma população alegre e festiva, atuante em espaços de sociabilidade que demarcaram sua identidade. Tais espaços, contudo, não eram simplesmente espaços de lazer e divertimento, mas antes também parte do engajamento social de seus próprios moradores. É o caso do Círculo Operário, da igreja de São José e da SAB local que, embora promovessem festejos, também marcavam presença na memória de seus populares por outras atividades.

Além dessas relações, torna-se impossível omitir o que demarcou o próprio bairro no contexto da cidade e da leitura que se pode verificar do lugar. A estreita relação entre o trabalhador honesto e o malandro deu destaque ao ZEPA¹¹. Reconhecido como zona periférica, perigosa, da malandragem e a ocupar destaque por comportar, inúmeras vezes, a desordem, estampada nas manchetes dos jornais locais.

Notícias de crimes, confusões e tirinetes envolvendo diferentes populares dessa localidade, sempre eram frequentes no chamado “DB”¹², o Diário da Borborema, primeiro jornal diário instalado na cidade. E que, mesmo indiretamente, contribuiu para a construção de uma imagem pejorativa do bairro, sempre enfatizando as mazelas ocorridas neste local.

Ao nos debruçarmos nas edições do ano de 1974, período ao qual nos dedicamos para observar a tragédia ocorrida ao lado da igreja de São José, podemos identificar inúmeras notícias ligadas a “agentes” desordeiros do local. Figuras temidas, e por vezes até engraçadas, nos saltam os olhos ocupando as páginas policiais do D.B, tais como Edmilson de Araújo e Antônio Gaivota. O primeiro, por se envolver em uma briga no bairro, integrando uma quadrilha de “vampiros”¹³. O outro, por tentar assassinar um colega de profissão¹⁴, como podemos atestar na matéria que narra o ocorrido:

Sapateiro quis mandar colega de profissão para o outro mundo: Os agentes da DIC Morato e José Silva prenderam na noite de ontem o sapateiro Edmilson de Araújo 18 anos, solteiro, residente na rua Olavo Bilac, 88 José Pinheiro, que tentou com uma faca peixeira assassinar o colega de profissão José Robervaldo de Lima Morador da rua Tome de Souza 437, bairro de José Pinheiro. Os dois trabalhavam juntos e, segundo um irmão da vítima, Edmilson talvez só tenha praticado a agressão porque estava com sintomas de embriaguez alcoólica. Não foi constatado qualquer ferimento em Roberval, mas Edmilson deverá ser autuado na 2ª DP (DIC) por porte ilegal de arma, tentativa de morte e está à disposição autoridades especializadas.
(08 de dezembro de 1974. N.3.812- O Diário da Borborema)

Inúmeros são os registros de pessoas daquela localidade presas pela delegacia de costumes, contribuindo pouco a pouco para promoção de uma imagem pejorativa do bairro. A depreciação pode ser constatada no eufemístico “ZEPA”, nomenclatura que ganhou maior espaço e popularidade na década de 1970, e demarcou não apenas o lugar, mas impondo uma conotação para o mesmo, posto que carregada de sentidos.

Embora venhamos a notar alguns de seus populares envolvidos nos citados casos de desordem, não podemos fixar a imagem do bairro apenas à luz destes. Cabe destacar que, desde os

¹¹ A denominação do bairro como o “ZEPA” está carregada de sentidos, sendo estes ambivalentes, e que vão desde uma formulação carinhosa e de familiaridade a uma forma pejorativa e depreciativa acerca do lugar.

¹² O Diário da Borborema foi o primeiro jornal diário instalado em Campina Grande no dia 2 de outubro de 1957, pertencente à cadeia dos Diários e Rádios Associados. A implantação do jornal na cidade foi uma promessa do seu fundador, o jornalista paraibano Assis Chateaubriand.

¹³ “Antônio Gaivota espanca em José Pinheiro. Polícia quer prender Gaivota que parece ter parte com os vampiros” (12 de fevereiro de 1974, n. 3.514.p.07- O Diário da Borborema)

¹⁴ Sapateiro quis mandar colega de profissão para o outro mundo (08 de dezembro de 1974. N.3.812- O Diário da Borborema).

seus primórdios no seio de uma cidade em modificação, emergiram outras figuras, conhecidas por sua atuação e representatividade na comunidade que escolheram para viver. Este é o caso do José Pinheiro morador que deu nome ao local.

Para tanto, se já viajamos até aqui em fragmentos que nos levam ao José Pinheiro dos anos de 1970, fazendo menção alguns de seus destaques na cena campinense. Convido o leitor a caminhar comigo em anos antes, período de sua fundação enquanto núcleo urbano, que como dito acompanha as transformações da cidade e logo também se constituiu como contexto de chegada desse famoso personagem.

1.2. A memorialística do lugar: o homem que deu nome a um bairro

É justamente ao detectar esta rede de símbolos que são peculiares ao bairro e que pouco a pouco compõem os sentidos de sua memória e identidade que vemos o exercício de situar seus aspectos enquanto uma dinâmica complexa. Deste modo, falar da memória e dos modos como esta é enunciada à população campinense é antes de tudo, compreender a riqueza de tal espaço. Peculiaridades estas que emergem desde o primeiro momento que consideramos o próprio nome do local, tomado por empréstimo a um de seus moradores mais populares, o senhor José Pinheiro, figura de destaque no bairro, consagrado e eternizado na memória campinense.

Segundo a historiadora Lea Amorim (1999), antes do bairro do José Pinheiro ser visto enquanto polo calçadista, a comportar as já citadas fábricas de fundo de quintal e um fervoroso ponto comercial e antes de ter sua imagem associada ao termo ZEPA, enquanto lugar da marginalidade sempre expresso nos jornais, este foi em princípio um espaço agrário, pertencente a uma senhora de nome peculiar: Marinheira Agra, que juntamente com seu esposo, decidiu por aforar parte de sua propriedade,¹⁵ que desde 1920 atraía diferentes sujeitos para aquela localidade¹⁶. Tal espaço foi assim se desenvolvendo aos poucos à mercê da própria sorte, sem nenhum planejamento ou estratégia urbana por parte dos poderes públicos.

Sem luz elétrica ou água encanada temos assim, por volta de 1920, um bairro bem distinto do crescente José Pinheiro das décadas de 1960 e 1970¹⁷. Segundo Amorim (1999, p.37), o local era, na época, “dominado pela tranquilidade reinante, onde qualquer vizinho conhecia o outro, visitava o outro, sem temer a violência ou assaltos. O bairro crescia assim, como se a rua fosse a extensão das próprias casas dos moradores”.

É nesse contexto que, por volta do ano de 1927, temos a chegada e instalação do homem que daria nome ao bairro, o senhor José Pinheiro, conhecido curandeiro e sabedor do uso de produtos homeopáticos. A sua chegada, sucedeu a instalação de uma pequena bodega, onde passou a comercializar de tudo um pouco, desde cachaça à medicamentos, atendendo a chamada medicina do povo.

Ao nos depararmos com a personalidade de José Pinheiro, percebemos a qualidade de sujeito histórico o qual ajuda na formulação de tal espaço. E que carrega em si vários “títulos”, os

¹⁵ “(...) foi adquirido em negócio de compra e venda do senhor Chico Aprígio, pelo casal de agropecuarista José Dantas e Marinheira Agra Dantas, que pagaram a importância de 3.000\$000 (três contos de réis) pelos 15 hectares escolhidos” (AMORIM, 1999, p. 33).

¹⁶ “A afluência crescente de moradores, permite o aparecimento de largos que ampliam os limites do bairro. Com o crescimento desordenado, cresce o prestígio de Marinheira Agra, já bastante conhecida como benfeitora local.” (AMORIM, 1999, p. 36)

¹⁷ O que nos leva a perceber que pensar o bairro do José Pinheiro em seu princípio distancia-se da abordagem sempre dada ao bairro, enquanto lugar do dinamismo, desordem, ou até mesmo tirinetes e confusões, ligadas ao termo ZEPA.

quais lhes são dados por seus contemporâneos, influenciando diretamente na construção do local, que o mesmo se instalou e ajudou a produzir.

José Pinheiro torna-se referência não somente por sua atuação no bairro que, diga-se de passagem, circulou por diversas áreas, mas também porque assim foi “coroadado” e reconhecido por seus “pares”. Conforme argumenta a historiadora Léa Amorim, é justamente a partir da crescente fama de curandeiro e a procura por seus serviços, que se intensificou a movimentação no bairro, notando-se o crescimento de tal espaço que ganhou fama no cenário campinense, sobretudo, simbolicamente.

Pouco a pouco, José Pinheiro adquiriu influência e notoriedade, quase que enquanto um “rei” do bairro, conhecido por todos tem sua fama a se alastrar pela cidade. A personalidade do senhor José Pinheiro passa a ser ligada também aos divertimentos e lazeres. Além da já citada fama de curandeiro de males físicos e espirituais, temos um José Pinheiro festeiro, como aponta-nos Amorim (1999):

(...) com maior condição financeira, aquele senhor constrói em um terreno aforado, uma mercearia maior e nela mesmo, passa a receitar remédios e a curar males físicos e espirituais de todos aqueles que o procuravam. Além da comercialização homeopática, José Pinheiro mantinha vizinho a sua casa, um grande salão com piso alto, servindo de palco para um pastoril que passa a ser a maior atração do bairro. (AMORIM, 1999, p.38)

Especialmente nos anos que seguem as décadas de 1930, José Pinheiro tornou-se conhecido como o maior animador local, sendo desde então, o seu nome consagrado pelo povo para aquela localidade:

As festas concorridas e o prestígio de José Pinheiro, como homeopata, vão operar uma transformação na história campinense: e o nome tradicional de bairro Açude velho, vai desaparecendo aos poucos, cedendo lugar ao novo nome de José Pinheiro, seguindo a voz do povo, que ao dirigir-se a zona leste, dizia constantemente, “que ia ao bairro de José Pinheiro”, em alusão ao animador/homeopata (AMORIM, 1999, p.39).

Acerca dessa subversão do nome do bairro¹⁸, por parte de seus populares e consagração com o nome de José Pinheiro, destaquemos a entrevista que este concedeu ao Jornal de Campina¹⁹, em setembro de 1953, a qual, diga-se de passagem, é uma raridade jornalística e tem por título: *José Pinheiro, O HOMEM QUE FUNDOU UM BAIRRO*. Na reportagem de Noaldo Dantas, podemos identificar uma exaltação do bairro enquanto progressista e a figura de José Pinheiro como fundador, percebendo um claro silenciamento de outras figuras.

Na citada entrevista José Pinheiro, o homem, aparece a gozar de influência na cena campinense, influência esta que vai além de sua fama de “curandeiro”, dono de bodega, ou o maior festeiro da cidade, ele próprio instaura outros lugares de fala para si, mostrando-se um ativo representante do “seu povo”, inclusive a opinar sobre questões políticas que marcam sua época. Quando perguntado acerca do nome dado ao bairro atribuiu tal feito a uma vontade popular, como fica evidente no seguinte trecho:

¹⁸ Cabe lembrar que tradicionalmente o bairro era chamado de bairro do Açude Velho, por sua proximidade com o local. Acerca da localização do bairro, destaquemos as expressões de Epaminondas Câmara sobre o local: “O bairro começa no oitão da estação *Great Western* e termina na estrada do Prado. (CÂMARA. Apud. AMORIM, 1999, p. 33)

¹⁹ Tal entrevista tem como fonte o blog Retalhos Históricos de Campina Grande, o qual coloca o material digitalizado a disposição.

(...) perguntamos, então: Nunca tentaram mudar o nome de José Pinheiro? -Sim, quiseram, certa vez, mudar o nome do bairro que tem o meu nome, alegando que pessoas vivas não poderiam prestar o seu nome para denominação de localidades, etc. No entretanto, o povo já tinha consagrado e como diz o provérbio popular, “voz do povo é a voz de Deus” (Jornal de Campina, 06 de setembro de 1953)

Descrito como um sujeito de trato com as palavras, que sabia falar a linguagem do povo, José Pinheiro tornou-se conhecido e anunciado em jornais locais e na própria linguagem popular, como “o dono do bairro”, imprimindo seu nome e história na memória local. Cabe destacar que escassos são os registros fotográficos do rosto desse homem que dá nome ao bairro, podendo-se identificar apenas um retrato até o presente, tirado em uma entrevista ao Diário de Pernambuco no ano de 1970 e que tem por título: *A vida e alegria de um dono de um bairro*.

Embora possamos notar que José Pinheiro na qualidade de sujeito histórico alcançou lugar na memória campinense, ao imprimir seu nome a um bairro, não podemos atribuir somente a ele a fama de tal localidade. O bairro enquanto local de convívio, constrói seus pontos de memória, por via dos seus espaços, suas práticas e populares, quer sejam estes de grande nome e sobrenome ou anônimos. Todos os moradores acabam por constituir experiências com tal local, construindo a memória do bairro. É mediante tal observação, que percebemos a história também se ensaiar no cotidiano, na vida comum e em seus espaços de sociabilidades.

ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE, VESTÍGIOS E RASTROS DE UMA MEMÓRIA JOSEPINHEIRENSE

Conforme argumenta a historiadora Eliete Gurjão (1999), o bairro do José Pinheiro, em decorrência da sua história, destaca-se como autêntico representante da cultura popular da cidade. O que nos leva a crer que pensar no bairro, nos anos que seguem 1970, é também enxergá-lo por via de seus espaços, nem sempre definidos pelo poder público, ou planejamento urbano, mas que antes foram consagrados por seus populares, os quais consomem o bairro e a cidade, demarcando lugares de fala e memória para si.

No que diz respeito ao cenário dos divertimentos e sociabilidades em José Pinheiro, temos especial destaque para os seus festejos, conforme as observações de Gurjão: “(...) Pastoril, grupos de teatro, quadrilha de rua, bailes, escolas de samba, retretas, vaquejadas, argolinhas, corridas de cavalo, futebol, voleibol, festas cívicas e religiosas, marcaram a vida do bairro” (1999, p.53). Diante de tal afirmativa, vemos que a vida cultural e social no bairro obteve destaque, sendo enunciado nos escritos locais como um cenário efervescente, onde manifestavam-se expressões de divertimentos públicos e privados, que logo demarcavam os espaços de sociabilidades daquela localidade.

A presença de tais espaços de divertimento dentro do bairro foi de tamanha importância que marcaram não somente seus contemporâneos, que consumiram e criaram tais espaços por meio de suas práticas, mas também são lembrados com saudade por seus habitantes mais antigos, por meio da memória, da oralidade ou até mesmo registros fotográficos que conservam rastros dessa memória local. Sobre a mesma, vale salientar que nem sempre nos é enunciada, mesmo constituindo parte da memória da cidade.

É mediante a observação de tais espaços, dentro do bairro, que somos levados a tomá-lo tal como entendera o historiador Michael de Certeau (1997): uma terra eleita da “encenação da vida cotidiana”, que se desenrola em seus espaços de convivência e sociabilidades os quais, diga-se de passagem, são marcados por seus próprios códigos. Deste modo o bairro se apresenta enquanto o cenário onde manifesta-se claramente a arte de conviver, o tão caro conceito de conveniência, moldado por Michael de Certeau²⁰.

É através do entendimento da historicidade de tais espaços, dentro do próprio bairro, que podemos compreender o “consumo” e cenário das relações constituídas com o meio urbano, com suas memórias e logo mais adiante a própria relação que se constitui com essa. É partindo de tal entendimento que optamos por mapear brevemente alguns dos espaços marcantes dentro deste bairro, onde os moradores ensaiam sua vida cotidiana por diversas linhas, desde o lazer ao trabalho.

²⁰ Acerca do conceito de conveniência: “(...) A convivência é a grosso modo comparável ao sistema de “caixinha” (ou “vaquinha”): representa, no nível dos comportamentos, um compromisso pelo qual cada pessoa, renunciando à anarquia das pulsões individuais, contribui com sua cota para a vida coletiva, com o fito de retirar daí benefícios simbólicos necessariamente protelados. Por esse “preço a pagar”, (saber “comportar-se, ser “conveniente”), o usuário se torna parceiro de um contrato social que ele se obriga a respeitar para que seja possível a vida cotidiana. (CERTEAU, 1997, p.39)

1.3. Lugares de representatividade e sociabilidades: O Círculo Operário e a Igreja de São José

(...) O bairro aparece como o lugar onde se manifesta um “engajamento” social ou, noutros termos: Uma arte de conviver com parceiros (vizinhos, comerciantes) que estão ligados a você, pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade e da repetição. (CERTEAU, 1997, p.39)

Ao pensarmos os espaços que se desenrolaram dentro do bairro do José Pinheiro, não podemos deixar de considerar a relevância da Igreja de São José e do Círculo Operário. Estes surgem na qualidade de primeiras instituições, organizadas de modo independente para solucionar os problemas básicos, inerentes à realidade do bairro. Sobretudo, em seus primeiros anos, entre as décadas de 1930 e 1940, temos nestas instituições ações de caráter assistencialista e que demarcam sua presença no bairro.

Embora em um primeiro momento tais espaços parecessem distantes, onde a vida cotidiana se ensaiava de maneiras distintas, em José Pinheiro vemos o mundo do trabalho, representado pelo Círculo Operário, unindo forças com o espaço do sagrado, representado pela Igreja de São José. A fim de entrar em defesa dos seus interesses, ambas instituições foram formadas pelo engajamento de seus moradores, que em mutirão construíram simultaneamente a Igreja e o Círculo, como bem aponta-nos a historiadora Eliete Gurjão:

Em meio a essas dificuldades foi construído um prédio e implantada no bairro a primeira entidade de caráter assistencialista. Trata-se do Círculo Operário, iniciado em 1948, através de iniciativa conjunta do senhor José Motta, do vigário local padre Alfredo Barbosa e do vigário geral. D. Severino Mariani e da mão de obra de grupos de moradores do bairro que, em mutirão, construíram, simultaneamente, o Círculo Operário e a Igreja de São José, conforme de seu primeiro presidente: (...). (GURJÃO, 1999, p. 48)

Conforme podemos atestar nos escritos locais, tanto de Gurjão (1999) como Silva (S/D)²¹ tanto a Igreja de São José como o Círculo Operário, mantinham uma verdadeira rede de serviços para comunidade, tornando-se espaços simbólicos e se completando por inúmeras vezes em suas ações. No que se refere ao segundo, o Círculo Operário, nota-se que para além de ser uma instituição do campo do trabalho desde sua fundação em 1948, foi pensado para desenvolver atividades de caráter social e também religioso, direcionado às classes trabalhadoras daquela localidade.

Conforme aponta Gurjão (1999), tal espaço mostra-se enquanto principal núcleo de interatividade dentro do bairro:

No Círculo Operário eram oferecidos cursos profissionalizantes (...). Era o centro das atividades do bairro até a construção da Praça. Tinha a Sab, o CLUBE DE MÃES, Clube de jovens. Todos funcionavam em sala do Círculo Operário (Trecho da entrevista Pedro Erival Costa, GURJÃO 1999, p. 50).

Além dos já citados serviços assistencialistas os quais iam desde a compra de caixões para os mais pobres e outras assistências imediatas, dentro do Círculo também buscou-se fundar uma

²¹ Trabalho monográfico: O bairro de José Pinheiro: Memórias, Práticas e representações. (Não possui ano). UFCG.

escola para as crianças do bairro já nos anos de 1950, o que mais uma vez demonstra o engajamento de seus populares em prol da feitura de seu espaço:

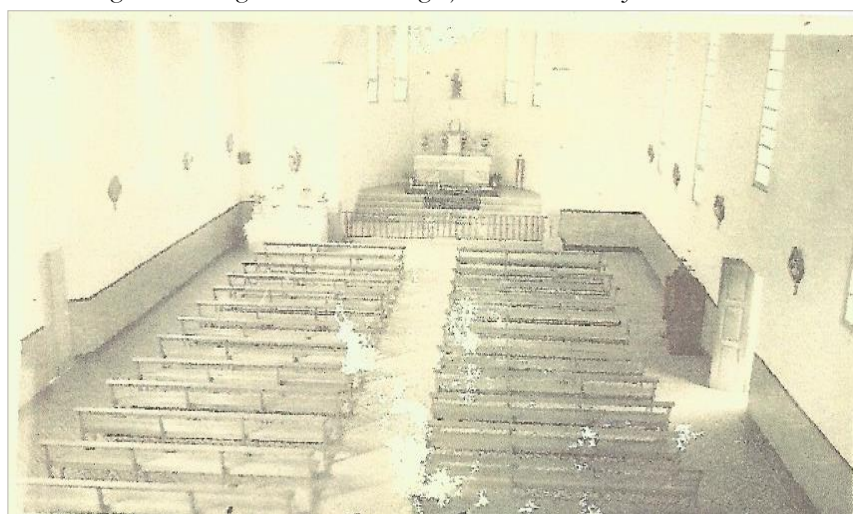
Então jogou aqui a semente do movimento *Círculo Operário*... nosso movimento não tinha nada de político, pautado na educação em prol dos trabalhadores e da sua profissionalização. Tivemos a construção da 1ª sala do *Círculo*, aí foi surgindo a escola... o *Círculo* foi crescendo. Aí veio a construção da Igreja na mesma época. Levava tijolo para Igreja e se trazia cimento prá cá. (Trecho da entrevista de José Motta Florêncio, GURJÃO 1999, p. 48)

Todas estas ações desenvolvidas dentro do *Círculo Operário* eram apoiadas pela Igreja católica que, preocupada com as questões sociais, via com bons olhos tais ações para comunidade. Inaugurada em 25 de dezembro de 1948, em uma solene missa realizada pelo monsenhor Severino Mariano de Aguiar, a paróquia de São José constitui-se enquanto importante ponto de sociabilidade dentro do bairro, não somente por representar o poder religioso, configurando-se como o espaço do poder sagrado, mas também por sua já citada assistência aos moradores, na qualidade de um espaço que congregava a todos, desde os mais humildes até os mais abastados do bairro.

Tornando-se o lugar do operário e da dona de casa, da criança e do idoso, onde se encenava diretamente a vida cotidiana e suas relações, podemos observar que a Igreja católica, sob a figura da Paróquia de São José também ditava o ritmo social do bairro, promovendo a interação social, inclusive através de seus festejos, como a festa de São José, padroeiro do bairro, e os festejos natalinos, que atraíam atenção de toda a comunidade.

Acerca da memória da Paróquia de São José na comunidade, cabe destacar os registros fotográficos, presentes nos arquivos pessoais de seus moradores mais antigos e que constituem vestígios das dinâmicas presentes no bairro. Como é o caso das seguintes imagens, oriundas do arquivo pessoal de Dona Isaurinha Maria Rodrigues da Silva, antiga moradora do bairro e figura ativa nas atividades desenvolvidas no *Círculo Operário* e nos trabalhos da Igreja de São José desde seus primeiros anos, a qual tem sua imagem interna aqui ilustrada:

Imagem 1: Fotografia interna da Igreja Matriz de São José 1950



Fonte: Resumo histórico da paróquia de São José- bairro do José Pinheiro-Campina Grande. 2012. p.06.

Acerca da participação de Isaurinha no Círculo Operário, vemos que ela representava o bairro em diversas ocasiões, como é o caso do encontro do Círculo Operário organizado em Maceió, representado na imagem de número 2:

Imagem 2: Encontro do Círculo Operário (ciclistas) em Maceió (AL)



Fonte: (Resumo histórico da paróquia de São José- bairro do José Pinheiro-Campina Grande. 201. p.10)

Observar a participação de figuras como Isaurinha dentro do bairro, só nos leva mais uma vez a atestar a íntima ligação do Círculo e da Igreja, enquanto instituições chave da representatividade social do bairro, tendo em vista o trabalho em conjunto que por estes eram desenvolvidos. Neste ponto destacamos a imagem de número 3, na qual observa-se a inauguração do centro social do bairro, onde funcionavam vários cursos profissionalizantes, sobretudo, para as moças do bairro, incentivados diretamente pela Igreja. Tais imagens fazem parte do resumo²² histórico da paróquia de São José que se encontra à disposição da comunidade.

²² Acerca deste Resumo Histórico da paróquia de São José, vale destacar que o mesmo se encontra disponível no museu Digital do bairro de José Pinheiro, em posse da autora.

Imagem 3: Inauguração do centro social 1968



Fonte: Resumo histórico da paróquia de São José- bairro do José Pinheiro-Campina Grande. 2012. p.48.

É através da observação da formação de tais ambientes, como a igreja de São José e o Círculo Operário que podemos apreender como foram constituídas parte das relações dentro do bairro, o que logo nos leva a observar tais locais de representatividade como uma das marcas que os moradores impõem ao espaço urbano através de seu engajamento.

Neste sentido o bairro surge como um território marcado por seus próprios códigos, onde os seus usuários buscavam por criar para si algum lugar de aconchego, apropriando-se do espaço urbano e logo criando novos espaços, como argumenta Certeau (1997):

Diante do conjunto da cidade, atravancado por códigos que o usuário não domina, mas que deve assimilar para poder viver aí, em face de uma configuração dos lugares impostos pelo urbanismo, diante dos desníveis sociais internos ao espaço urbano, o usuário sempre consegue criar para si algum lugar de aconchego, itinerários para o seu uso ou seu prazer, que são as marcas que ele soube, pôr a si mesmo, impor ao espaço urbano. (...) (CERTEAU, 1997, p. 41-42).

É justamente ao criar novos espaços que os moradores do bairro do José Pinheiro, criam seus próprios lugares, os quais unem aspectos do público e do privado para formação do bairro.

1.4. Lugares de divertimento: Dos pastoris de Zé Pinheiro à festa do padroeiro

Além dos já citados espaços de sociabilidades, os quais ilustram muito bem o engajamento dos moradores do bairro, um outro aspecto frequente do José Pinheiro é a sua tradição festeira que reflete um outro modo pelo qual os seus moradores se inscrevem na cidade, “consomem” e criam seus espaços. Constituem assim o José Pinheiro como um bairro festejado, presente na letra do samba enredo, da escola de samba bambas do ritmo do ano de 2004, “ontem, hoje, sempre ZEPA”. Ao tecer homenagem ao bairro, não somente pelo seu espaço físico, mas também pelos aspectos que o tornam diferenciado, anunciando o José Pinheiro como palco da alegria da cidade e sempre festejado, exaltando sua história enquanto algo para não se esquecer.

Quer seja através dos ditos de seus populares ou nas páginas de jornais²³, José Pinheiro nos aparece enquanto um bairro pioneiro e ativo no cenário cultural da cidade, sendo descrito por inúmeras vezes enquanto um dos principais palcos dos divertimentos campinenses, quer fossem públicos ou privados, no José Pinheiro os festejos tinham destaque.

Foi assim desde a década de 1940, período onde temos ainda ativa a mais antiga tradição popular do bairro, o chamado “Pastoril de Zé Pinheiro”, cuja a fama atraía moradores de toda cidade, empolgados para ver as famosas pastoras dos cordões azul e encarnado, escolhidas entre as senhoritas mais belas da comunidade, como argumenta Amorim (1999). A funcionar em caráter permanente, geralmente aos domingos, em terreno do senhor José Pinheiro, figura ícone do bairro, no pastoril as pastoras disputavam a atenção dos espectadores, cantando e dançando divididas em dois cordões: o azul e o encarnado.

Cabe destacar que, tal como argumenta Gurjão (1999), o pastoril de José Pinheiro embora fosse o mais famoso não era o único no bairro. Outros pastoris também aconteciam, porém apenas durante as festas de fim de ano, como era o caso do pastoril promovido pela igreja. Além do senhor José Pinheiro, cita-se enquanto organizadores do pastoril figuras como Jackson do Pandeiro, cujo codinome era “Parafuso” e estava sempre presente nos forrós e festejos locais. O que nos leva a observar um cenário dos divertimentos bem mais amplo, sobretudo, no que concerne a década de 1950, com as chamadas retretas e o funcionamento de serviços de alto falantes instalados no bairro, mais especificamente na rua Campo Sales e Fernandes Vieira.

Sobre o serviço da difusora no bairro, destaquemos a presença da “Difusora de Gaúcho”, sob a figura de Juvelino Farias, o “gaúcho”, outro personagem desta localidade que se destacou como um dos pioneiros do rádio em Campina Grande. Este tinha um programa de calouros muito conhecido e concorrido que atraía muitos jovens a disputar o concurso de “a voz do bairro”. A difusora movimentava assim a vida local, enquanto meio também de divertimento e lazer, como observa Gurjão (1999):

Aos domingos os jovens vinham principalmente para a rua Campo Sales onde desfilavam os namorados de mãos dadas e as meninas vinham paquerar e mostrar suas roupas novas, principalmente pelo fato de nesta rua, já nos anos 50, termos uma rádio difusora que era a difusora de Gaúcho, onde tínhamos oportunidade de escutarmos música e ver as meninas bonitas do bairro. (Trecho da entrevista de Raimundo Borges, GURJÃO 1999, p. 48)

Além dos festejos de caráter privado como era o caso dos já citados pastoris, tínhamos os divertimentos públicos, como era o caso das retretas e da própria “Difusora de Gaúcho” que propiciavam as sociabilidades no bairro, como também os festejos cívicos, religiosos e carnavalescos. No que diz respeito a este último, vale lembrar que era sempre festejado com muita animação no José Pinheiro, atraindo pessoas de diferentes localidades, tomando as ruas que por sua vez entravam em cena enquanto lugar praticado por seus moradores.

É exatamente neste sentido que podemos tomar o bairro enquanto um objeto de consumo, manifesto através dos divertimentos. Deste modo observa-se que: “A cidade é, no sentido forte, “poetizada” pelo sujeito: este a re-fabricou para o seu uso próprio desmontando as correntes do aparelho urbano: ele impõe à ordem externa da cidade a sua lei de consumo de espaço. (...)” (CERTEAU, 1997, p.45).

²³ Cabe lembrar que a tradição festiva do bairro, sobretudo, no que diz respeito a sua participação nos carnavais locais era sempre enunciada nos jornais locais, como o Diário da Borborema

Ainda acerca dos festejos carnavalescos presentes no bairro, destaquemos a tradicional presença de escolas de samba, como “Os bambas do ritmo” que alcançou o título de campeã dos carnavais campinenses mais de 15 vezes. Configurando-se como um dos símbolos da alegria do bairro, ao contar com os moradores enquanto componentes. Escolas de samba ditavam o ritmo do carnaval campinense, juntamente com os blocos de rua, colocando os moradores do bairro enquanto povo alegre e festeiro, por via do divertimento. Desta maneira, muitos eram os locais de confraternização e lazer no bairro, desde as festas dos clubes de futebol, como o flamengo e campinense, aos festejos dentro das SABS.

Entretanto, nem só de festejos “mundanos” eram marcados os divertimentos no local. Conforme podemos observar, a Igreja, sob a figura da paróquia de São José, também era uma instituição bastante ativa, com um calendário de festas que também ditava o ritmo do bairro. Dentre as festas mais importantes promovidas pela Igreja podemos apontar a festa de seu padroeiro (São José), as atividades do mês de maio e os festejos do Natal.

A festa do padroeiro, era mais um momento de comunhão da comunidade, geralmente ocupava grande extensão se espalhando por toda a rua Campos Sales, onde eram armados pavilhões, barracas, jogos e parques de diversões disponíveis aos moradores e forasteiros. Segundo Gurjão (1999), ao longo deste festejo tinha-se o trabalho em conjunto de toda comunidade para o acontecimento da festa. Sendo bastante frequente as moças do bairro trabalharem voluntariamente como garçonetes, divididas entre os cordões azul e encarnado. Como bem podemos observar no seguinte registro fotográfico de um destes festejos, representado na imagem de número 4:

Imagem 4: Pe. Antônio Bosch, Pe. André e as garçonetes
(Festa externa de São José)



Fonte: (Resumo histórico da paróquia de São José- bairro do José Pinheiro-Campina Grande. 2012. p.30)

A festa do padroeiro movimentava o bairro. Havia várias garotas que atuavam como estafetas, na troca de bilhetes entre moças e rapazes. Assim como leilões de objetos doados pela comunidade e a eleição da “Rainha das bonecas”, cuja renda destinava-se à Igreja. Conforme

Gurjão (1999), a última festa do padroeiro ocorreu em 1962. Mediante as dificuldades crescentes, os padres desistiram de promover as comemorações profanas, limitando-se apenas aos rituais celebrados na Igreja”.

Além da festa de São José, a festa de Nossa Senhora de Fátima, co-padroeira do bairro, também movimentava aquela localidade durante todo o mês de maio. Nesse período eram realizadas celebrações e procissões que conduziam a imagem da santa pelas ruas principais, e no final do mês divulgava-se qual destas tinha dado a maior contribuição. A cada noite de celebração uma pessoa considerada de prestígio atuava como patrono da festa. No que diz respeito aos registros de tal festejo, destaquemos a seguinte imagem de número 5, enquanto vestígio dessa memória de celebrações e representação da coroação de Nossa Senhora de Fátima.

Imagem 5: Coroação da Imagem de Nossa Senhora de Fátima
(31/05/1956)



Fonte: (Resumo histórico da paróquia de São José- bairro do José Pinheiro-Campina Grande. 2012. p.30)

Outra festa que marcava a convivência dos moradores dentro do bairro eram as celebrações de Natal, a qual todos os anos era aguardada com alegria por seus moradores e sempre foi descrita como sendo uma festa muito bonita, na ocasião também armavam um grande pavilhão, bazares e parques de diversões, que ao tomar a rua era um dos divertimentos públicos mais esperados do ano, sobretudo, pelas crianças do bairro, até ser suspensa em 25 de dezembro de 1974, em razão do evento trágico que tomara conta daquela localidade.

Sendo assim, o dia 25 de dezembro de 1974, data chave para o nosso estudo, anunciava-se como um dia de grande pesar para o bairro, o momento em que o divertimento e lazer saem de cena, para dar vez às lágrimas, a dor e ao trauma. Imprimindo o José Pinheiro mais uma vez nas capas de Jornais, só que desta vez não mais com os “títulos” e “lugares” que lhe eram frequentes, mas a carregar o peso de ser palco de uma das maiores tragédias da história de Campina Grande, a

qual buscamos por enfocar, a fim de compreender de que maneira se dá a enunciação de tal ocorrência a sociedade campinense e que logo nos dedicamos na segunda parte de nosso trabalho.

PARTE II

MEMÓRIAS AMARGAS: A TRAGÉDIA DE 1974

Ao focar nosso olhar sobre a história do bairro do José Pinheiro, percebemos que muitos são os lugares ligados a este, os quais comportam pontos de memória de sua coletividade que por vezes são “rejeitados” e “exaltados” por seus populares. No que concerne a este último, temos sempre a evocação de uma memória saudosa do bairro, enquanto desenvolvido, ativo na cena cultural dos lazeres e festejos da cidade. Este seria um José Pinheiro “para não se esquecer”, dos “tempos de ouro”²⁴, dos festejos públicos, da Difusora de Gaúcho, dos pastoris e das festas da Paróquia de São José.

Por outro viés, observam-se outras memórias que se materializam em discursos depreciativos, tais como o do “ZEPA”, ou daqueles que destacam o bairro como palco de uma das maiores tragédias que se abateu sobre a cidade, em 1974, com a explosão de um cilindro²⁵ de gás hidrogênio, durante uma quermesse promovida pela paróquia de São José.

No leito da rua Campos Sales, a principal e mais antiga do José Pinheiro, o ocorrido marcou a memória coletiva²⁶ da população campinense e, especialmente a dos moradores do bairro que, ao vestir o luto, adentrou na cena armada pela paróquia de São José, na tentativa de festejar o Natal, e no palco da ocorrência trágica e traumática na cidade.

1. OS FESTEJOS NATALINOS NA PARÓQUIA DE SÃO JOSÉ EM 1974

Conforme argumenta Gurjão (1999), os festejos natalinos eram sempre ansiosamente aguardados em toda Campina Grande. Firmando-se como um momento de “convivência” e “conveniência” de seus moradores. Na ocasião, estes dispunham não apenas da efervescência do espírito natalino, mas também partilhavam de situações de divertimentos, lazer e sociabilidades. Desta maneira, os campinenses desfrutavam de novas oportunidades de consumo do espaço urbano. O Natal era assim um momento de passagem pelo outro, expressa na própria prática de suas relações e no consumo dos diferentes locais da cidade.

Dinâmicos e formosos, os festejos natalinos promoviam a movimentação variada do comércio campinense, contando com a presença de bazares, parques de diversão e a efetiva

²⁴ Os termos aqui utilizados foram observados no discurso de muitos populares instados a falar sobre o bairro no decurso da pesquisa.

²⁵ Popularmente conhecido naquele período, como garrafão de gás tendo em vista o seu formato específico, ao lembrar uma garrafa.

²⁶ Acerca do conceito de memória coletiva, cabe destacar, conforme Halbwachs (1990), que a memória coletiva é uma construção que parte de diversos grupos, que por sua vez comporta o seu tempo, sua lógica e as suas especificidades, tendo a capacidade de retroceder no passado o faz dentro de certos limites desse ou daquele grupo, de modo que um acontecimento ganha relevância para o coletivo a medida que repercute de modo individual mas também coletivo, seria o modo como este repercute um ponto de encontro entre tais grupos.

participação dos seus populares que aguardavam ansiosamente pelas festas de final de ano. No ano de 1974, conforme divulgações do D.B²⁷, o cenário que se instalava no aguardo do Natal se manifestava²⁸ em toda a cidade. E o bairro do José Pinheiro já era destaque na programação local, na qualidade de anfitrião da festa que em outros anos ocorreu na Igreja Matriz da cidade, mas neste, em especial, estaria situado no José Pinheiro. Tendo por ponto principal as ruas Campo Sales e Adelino de Melo, onde seriam armados os parques de diversões e as barracas de vendas, sempre presentes nas festas de rua dos campinenses, os moradores do bairro apressavam-se nos preparativos, como observamos na seguinte citação:

Conforme já divulgamos as festividades do natal campinense, segundo nos informou o secretário Roberto Cabral, estarão este ano concentradas na rua Campo Sales no populoso bairro do José Pinheiro. O Centro de Estudos do Menor e Integração da comunidade participará intensamente dessa festividade, inclusive montando uma barraca para vender artefatos decorativos para o natal. Ao que nos informou Maria de Fatima Ribeiro Barbosa, coordenadora da unidade Especial de Menores do bairro do José Pinheiro, as mães dos menores é que farão os produtos, de uma vez que receberam o curso de arte decorativa para o natal e que o produto da venda será revertido em benefício da unidade para colaborar com maior incrementação nas atividades que deverão ser desenvolvidas no próximo ano. (Jornal Diário da Borborema, 03 de dezembro 1974, p.03)

Fazendo parte de um dos mais tradicionais festejos da cidade, a festa de Natal daquele ano em José Pinheiro, armada ao lado da paróquia de São José, assumiu proporções jamais antes vistas. Tomando conta de toda extensão de duas de suas tradicionais ruas, a extensa Campos Sales e a Adelino de Melo, logo atraiu moradores de diversas localidades com a montagem dos parques de diversões e barracas de vendas variadas.

Anunciada a toda comunidade com grande ênfase desde o começo do mês de dezembro, a festa de Natal era sempre um momento de grande valor simbólico para o bairro, uma vez que por meio desta, tinha-se em evidência a união do espaço sagrado e dos divertimentos. Espaços estes que tanto marcaram a imagem do José Pinheiro como alegre e festeiro. Contando com a Paróquia de São José como instituição principal para sua localidade, refletindo diretamente parte da encenação da vida cotidiana, tais festejos, assumiam lugar de conhecimento e reconhecimento²⁹ dos populares na cidade.

Embora as expectativas para o natal fossem as melhores possíveis, como se depreende do enunciado no jornal Diário da Borborema³⁰, a bela tarde do dia 25 de dezembro de 1974 foi inscrita na memória dos campinenses de maneira diferente, ao entrar para os anais de sua história como um dos dias mais tristes do ano.

A festa, ao lado da Paróquia de São José, teve um final trágico. Caracterizando-se como um Natal de perdas, com 8 mortes e 102 feridos, dentre estes queimados e mutilados. Foi uma situação de grande lástima e choque, onde tivemos a morte em sua cena mais cruel. Mães e pais

²⁷ O Diário da Borborema foi o primeiro jornal diário instalado em Campina Grande, criado no dia 2 de outubro de 1957. E logo ganha importância na qualidade de fonte histórica do acontecimento por fornecer um amplo acompanhamento do ocorrido. Daqui por diante ao nos referirmos aos mesmos trataremos pela sigla “D.B”.

²⁸ Sobretudo nos anúncios dos comércios locais, era frequente o clima natalino, estes faziam amplas divulgações usando o natal enquanto propaganda.

²⁹ Neste sentido cabe observar, tal como enfatiza Michael de Certeau; “ (...) Prática do bairro é desde a infância uma técnica de reconhecimento do espaço enquanto social; deve-se então tomar aí o seu lugar: (...) A assinatura que atesta uma origem, o bairro se inscreve na história de um sujeito como uma marca de uma presença indelével, na medida em que é a configuração primeira, o arquétipo de todo processo de apropriação do espaço como lugar da vida cotidiana pública. (CERTEAU, 43-44, 1997)

³⁰ “Fazei Senhor deste Natal uma notícia alegre para todos teus filhos, e do Ano novo, um sucesso de manchetes maravilhosas(...)”. (Saudação de natal do Jornal Diário da Borborema, 25 de dezembro de 1974)

perderam seus filhos, enlutando o alegre bairro do José Pinheiro e a dinâmica Campina Grande em virtude da explosão de um cilindro de hidrogênio, usado para encher bolas de assopro, vendidas para as crianças que buscavam divertimento em um dos parques montados ao lado da igreja, após a missa.

1.1. A quermesse da morte

No período natalino as pessoas pareciam mais sensíveis, pois era momento de celebração da vida, do nascimento de Cristo, do fechamento de um ciclo para os moradores da cidade. No bairro do José Pinheiro, tradicionalmente festeiro e a conservar grande historicidade, era um momento muito aguardado, sendo a oportunidade de se expressar afetividade, trocar gentilezas, fazer novos laços, votos de boa vontade. Entretanto, muitos dos que estavam presentes na tarde do dia 25 de dezembro de 1974, na quermesse natalina, tiveram suas vidas marcadas pelo trauma.

Na ocasião, vidas foram ceifadas pela morte, jovens e crianças que tiveram suas pernas amputadas, seus corpos queimados agonizaram de dor. No dia que deveria ser de comemoração ao nascimento de Jesus Cristo, o bairro do José Pinheiro desfrutou de um de seus dias mais amargos. O divertimento saiu de cena dando lugar à morte e às memórias trágicas e traumáticas. Para os moradores daquela localidade não houve presente de natal, apenas o luto, o amargo de um vazio que não havia como ser substituído. Foi um momento para “não se esquecer”, pelo menos por aqueles que experimentaram a acidez do Natal de 1974, e, logo, tiveram suas vidas marcadas quer seja pela morte, pelas cicatrizes, os olhos cegos ou as pernas amputadas, denunciadas em seu corpo como lembrança de um natal infeliz.

Assim se caracterizou o natal de 1974, para moradores do bairro do José Pinheiro, como uma cena de terror, uma “quermesse maldita”. Que em nada parecia com os anos anteriores dos festejos natalinos na cidade ou com as demais festas antes produzidas no bairro, em que se contavam com o empenho de toda comunidade para tornar o evento agradável e feliz, desfrutando de boas lembranças. Marcado pela tranquilidade, pelas senhoras e senhores do bairro que se conduziam às ruas trajando roupas novas e bonitas para assistir à missa. Eles conservavam o costume de desejar feliz natal a todos que passavam, fossem vizinhos e/ou familiares. Onde moças e rapazes aguardavam ansiosos, para marcar seus encontros após a saída da igreja, comer maçãs do amor nas barracas montadas lado a lado com os parques. Onde as crianças corriam e tinham a oportunidade de consumir os novos brinquedos instalados na quermesse. As comidas típicas, os doces, os sons e os cheiros da festa, as cantatas natalinas e a decoração de natal, todos estes aspectos marcavam positivamente a quermesse, compondo as imagens que se tinha do natal.

Naquele dia, os brinquedos do parque de diversão “Maia”³¹ mantinham-se concentrados ao longo das ruas Adelino de Melo e Campo Sales, a primeira ao lado da igreja e a segunda em frente, acompanhado de diversos vendedores ambulantes, formavam um grande pavilhão que atraía moradores e forasteiros para aquela localidade, tanto na qualidade de consumidores, como para comercializar seus produtos. O grande número de crianças na festa era notável, animadas após saírem da missa em sua homenagem³² e buscando diversões.

³¹ Conhecido parque de diversões presente nas grandes festividades da cidade e de propriedade do Sr. José Maia.

³² “Eu me lembro foi em um dia de domingo, após a missa das crianças, em uma festa de Natal, as crianças tinham terminado de assistir à missa e saíram para o pátio para o parque que estava lá” (Pe. José Tavares do Carmo, em depoimento Documentário “Os balões de 74”, 2008)

Muitos que não podiam consumir diretamente aqueles brinquedos conformavam-se em apenas olhar, consumindo indiretamente a festa, reuniam-se com os seus amigos a observar as dimensões da quermesse, o vai e vem da tarde, as moças bonitas do bairro, assim como os produtos fornecidos pelos vendedores ambulantes ou pelas barracas de venda ³³que formavam um grande pavilhão. Conforme relatos, a quermesse de Natal daquele ano, na igreja de São José se destacava pelo colorido, pelas bolas de assopro³⁴ que chamaram atenção de toda criançada, assim como a roda gigante montada na calçada, formando filas e filas para o consumo.

Tudo se fazia calmo e tranquilo no bairro, moças e rapazes a desfilar, crianças a correrem ansiosas por brincar, moradores que se cumprimentavam desejando feliz natal. O divertimento estava assim posto lado a lado com o sagrado. A contar com moradores e forasteiros, a festa se inseriu assim com cores e sabores, mas também com lágrimas. Com um rompante inesperado³⁵, um estrondo tornou o céu colorido, bolas de assopro coloridas se espalharam pelo céu das ruas Campo Sales e Adelino de Melo, a mesclar-se com o cinza, proveniente da explosão de um garrafão de gás perigoso que pintou as paredes das casas e da igreja de São José de um vermelho cor de sangue encarnado, dos antes vivos e saudáveis que ali circulavam. Mediante a explosão fatídica, encontravam-se, cegos, extremamente queimados e em vários casos com as pernas amputadas³⁶, tendo o resto de seus corpos arremessados³⁷.

Deixando um saldo de 8 mortos e 102 feridos, sendo a maioria deles crianças, a explosão no bairro José Pinheiro ficou conhecida em toda cidade. E teve como marca o desespero e a agonia de seus populares que em investidas solidárias buscavam socorrer as vítimas da explosão trágica com seus próprios meios, mesmo com as ruas tomadas pelos brinquedos, ambulantes e a população completamente desesperada.

1.2. A Tragédia Nas Páginas Do Diário Da Borborema

De acordo com os enunciados do Diário da Borborema, no primeiro momento muitos não sabiam o que de fato havia provocado tamanha desgraça. Desta maneira, os testemunhos circularam pelas mais variadas versões, desde aqueles que pensavam que o desastre era em razão de um motor de uma roda gigante que havia explodido e atingido a todos, como afirmava o Sr. José Dias, como também aqueles que defendiam a ideia, de que o infortúnio da explosão, havia sido causada por um garrafão de hidrogênio mal manipulado, como aponta o sr. Antônio Guimarães.

Nos relatos apontados pelo Diário da Borborema, cada um dos sobreviventes, testemunhas e até mesmo aqueles que só ouviram falar do acontecimento, queriam contar a sua versão da

³³ Cabe destacar que as barracas presentes nos festejos, circulavam por variadas produtos desde alimentos ao entretenimento, como era o caso dos vendedores de bolas, de assopro, os balões, enchidas a gás. Conhecidos popularmente como garrafeiros, em razão do formato dos cilindros usados para encher as bolas.

³⁴ “Tinha aquele cilindro enchendo as bolas de assopro, aquelas bolas muito bonitas que eu não me lembro de ter visto antes, aquelas bolas cheias desenhos de animais e quando estourava uma bola todo mundo pulava em cima e ficávamos lá admirados com aquele negócio” (Marcelino Felipe, em depoimento Documentário “Os balões de 74”, 2008)

³⁵ “A explosão foi tão grande que eu senti a minha cama trepidar, automaticamente eu me levantei fui até a porta da garagem e ao olhar para rua vi meu pai, junto do portão quase caído, mas levantando uma criança nos braços (...)” (José Marques de Oliveira, em depoimento Documentário “Os balões de 74”, 2008)

³⁶ “Olhei e vi na minha perna um pedaço de carne pendurado e quando fiz força para subir, ficar em pé a perna fez fofa! E eu cai outra vez, (...) Apenas sai me arrastando” (Givanildo Pereira da Silva, vítima do acidente que teve as duas pernas amputadas em depoimento Documentário “Os balões de 74”, 2008)

³⁷ Quando cheguei no começo da rua, havia uma lona forrada, coberta e quando levantei era um rapazote, um menino mais ou menos uns 14 anos sem a cabeça. (Tereza Santos Silva, em depoimento Documentário “Os balões de 74”, 2008)

história, o que nos leva a perceber o quanto a ocorrência marcou de modo coletivo a população local.

Embora, cada um dos que vivenciaram tal experiência, tivessem suas lembranças individuais, a repercussão do fato atingiu sujeitos de variados grupos, os quais tiveram seus testemunhos capturados e publicados pelo D.B. Neste sentido, o jornal exerceu importante papel na repercussão dos relatos ao dar vez e voz aos populares. Nele podemos encontrar testemunhos como os de José Claudino, residente da rua Gonçalves Dias, em Monte Castelo, inserido diretamente na trama, e do sr. Manoel Diniz de Araújo, residente da rua Arruda Câmara, que mesmo não estando na hora do ocorrido, também se insere indiretamente no fato, como vemos a seguir, nos relatos lançados:

O sr. José Claudino, residente da rua Gonçalves Dias, em Monte Castelo, disse que estava trabalhando na ocasião com duas máquinas de jogos e quando ouviu a explosão, abaixou-se, notando em seguida que os vidros das máquinas haviam se quebrado. 'Eu não morri, agora posso dizer que nasci hoje'. Comentou José Claudino (Diário da Borborema, 27 de dezembro de 1974)

Manoel Diniz Araújo, residente da rua arruda câmara, nº700, disse que não estava lá, na hora do acidente, mas que o irmão estava na igreja de José Pinheiro, ao sair ouviu o estrondo e chegou a desmaiar, sendo levado para o Hospital, onde foi atendido, constando-se que não ocorrera nada grave com ele. (Diário da Borborema, 27 de dezembro de 1974)

Conforme se pode atestar nas páginas do D.B, jornal que fizera toda a cobertura da tragédia na cidade, na ocasião o caos se instalava no bairro, fazendo emergir o nome dos seus populares na qualidade de vítimas de tal fatalidade. A tragédia foi anunciada com grande ênfase e pesar, como podemos observar nas notícias propagadas pela imprensa:

Depreende a alegria estampada no semblante inocente das crianças. Transformou-se em um grito de pavor: a explosão de um cilindro de hidrogênio, utilizado para encher bolas de assopro, atirou ao espaço restos ensanguentados de cabeças, troncos e membros. (...) um popular horrorizado contou para o DIÁRIO DA BORBOREMA, ter visto um braço humano passar direto por sua cabeça numa velocidade impressionante. Os vitrais da igreja de José Pinheiro se partiram. As últimas informações dão conta que a explosão deixou um saldo de quatro mortos e 102 feridos. Dez dos quais estão em estado grave. (Diário da Borborema, 27 de dezembro de 1974)

De acordo com as notícias lançadas pelo jornal D.B inúmeros eram os relatos de horror sobre tal acontecimento, até mesmo dias após a tragédia, o trauma se instalava. Tendo em vista que com a explosão do artefato, vários pedaços de corpos foram arremessados em casas e na própria Igreja, sendo comuns os relatos de pessoas que encontraram restos de corpos nos tetos de suas casas, denunciados, quase sempre, pelo mau cheiro desenvolvido com o avançar do processo de decomposição desses restos humanos. Este era como indicativo do trauma, ao lembrar o ocorrido.

Segundo testemunhos dos moradores do bairro, os corpos amontoados e despedaçados foram o que mais chocaram a população, que assistiu a uma cena jamais vista na venturosa Campina. Fotografias de crianças mutiladas e mortas marcaram as principais páginas dos jornais locais, correndo a notícia da tragédia para além da cidade³⁸, marcando por dias o clima fúnebre na Rainha da Borborema.

³⁸ Notícias do ocorrido, são divulgadas também em Jornais de circulação nacional, como é o caso do Jornal O Estado de São Paulo, o qual contava com um correspondente em João Pessoa.

Algumas dessas vítimas tiveram toda sua história acompanhada pelos campinenses, esse foi o caso da menina Edjane Santos³⁹, de oito anos de idade, vítima da explosão que teve toda a sua luta contra a morte noticiada e explorada pelo D.B. Esta fonte jornalística desempenhou um importante papel na repercussão do fato, na divulgação das vítimas e dos desaparecidos. Muitos foram os relatos de pais e mães a procura de seus filhos, como foi o caso da doméstica Isabel Cavalcanti⁴⁰, residente da cidade de Boqueirão que se colocava à procura de seu filho Paulo Bezerra, de 17 anos, desaparecido misteriosamente após a explosão. Todos estes casos repercutiram na cidade e foram usados como matéria pelo olhar jornalístico que apresentou a tragédia aos cidadãos campinenses.

Muitos eram os relatos de desespero, dor e agonia, mas também de solidariedade, a qual, diga-se de passagem, mais uma vez, se fez presente no bairro. Diante de tal desgraça, temos a mobilização de toda cidade para o socorro das vítimas, levadas no primeiro momento pelos próprios moradores e apenas posteriormente pelo socorro público, tal como nos certificam as notícias lançadas pelo D.B, ao enfatizar a mobilização de toda a equipe médica da cidade, para atender aos casos do desastre:

Toda a cidade se mobilizou para prestar socorro às vítimas. O primeiro carro de feridos chegou ao pronto socorro por volta das 17:20. Estava de plantão o médico Marcos André que, a princípio, pensava que se tratava de um atropelamento, pois um rapaz corria com uma criança nos braços. Instantes depois o hospital foi tomado por um grande número de feridos e toda equipe médica foi mobilizada (...). (Diário da Borborema, 27 de dezembro de 1974)

Ao passo que o desespero imediato tomou conta da cidade, nos dias seguintes um clima de caça ao culpado se instalava, sobretudo nas manchetes do D.B., carregadas de uma forte crítica ao poder público que segundo aquele veículo de imprensa, não atentou para a devida fiscalização⁴¹ dos parques e comerciantes ali instalados, verificando-se verdadeira displicência na organização do evento público. A tal crítica seguiram-se outras, como a realizada pelo sr. Luís⁴², proprietário do Parque Maia, ao considerar errônea a escolha do espaço destinado aos festejos para aquela população. A instalação de brinquedos como rodas gigantes, canoas e carrosséis exigiria espaço mais amplo, evitando-se a excessiva proximidade entre os comerciantes ambulantes, além dos consumidores do festejo.

A acusação de displicência logo foi contestada pelo engenheiro Roberto Cabral que atribuiu a tragédia a uma fatalidade. Tal afirmativa, pode ser observada ao analisarmos a entrevista por este concedida ao D.B, onde defendeu a organização dos festejos populares e a escolha do local:

(...) em qualquer lugar o lamentável acidente poderia ter feito maior ou menor número de vítimas, tudo dependendo da posição que se encontrava o tubo de oxigênio. Ninguém em sã consciência

³⁹ “As vítimas da trágica ocorrência da rua campo Sales. Que estão em estado mais precário. Acham-se internadas do hospital Pedro I.

Trata-se de: Edjane Santos, de oito anos, filha do casal Eduardo Silva Santos e Terezinha Silva Santos, residentes da rua Olavo Bilac, 115 Bairro de José Pinheiro, a pequena Edjane teve as duas pernas amputadas e chorava sem cessar a sua mutilação (...). (Diário da Borborema, 27 de dezembro de 1974, p.07)

⁴⁰ “Isabel Cavalcanti em companhia de sua filha a direita da foto, procuram no necrotério da delegacia de polícia o menor e constatam que ele não estava no local. Os três vieram de Boqueirão e ainda procuram o menor desaparecido misteriosamente”. (Diário da Borborema, 27 de dezembro de 1974, p.07)

⁴¹ (...) Mas não se pode duvidar também que houve displicência da autoridade que permitiu a instalação de um instrumento de certa forma perigoso em local tão impróprio, como é o pátio de uma festa popular. (D.B, 27 de dezembro de 1974)

⁴² (A observação foi colhida no D.B de 27 de dezembro de 1974)

poderia afirmar que aqui ou ali, a explosão teria feito menores danos. (Diário da Borborema, 27 de dezembro de 1974).

Embora o poder público tenha atribuído a explosão a uma fatalidade, diante do clima de luto que se instalava na cidade, não cabia lugar para comemorações, nem tão pouco divertimentos. Desta maneira, por solicitação da própria organização, o prefeito Evaldo Cruz suspendeu os festejos de final de ano na cidade, colocando a validade de tais comemorações populares em xeque nos bairros da cidade.

Desempenhando importante papel na veiculação da notícia e enquanto ferramenta de recuperação da história local, ao fornecer um amplo acompanhamento da tragédia, o D.B. trouxe à tona vozes dos diferentes envolvidos nesta trama fatal, desde os sobreviventes, aos donos dos parques de diversões, chegando até aquele que fora reconhecido como o grande vilão do triste evento, o “garrafeiro da morte”.

Foi justamente percebendo tal articulação e o papel desempenhado pelo jornal que buscamos entender o modo como o responsável pela explosão foi apontado à população campinense, nas linhas discursivas do jornal que, destaque-se, exerceu grande influência sobre a opinião pública, instalando lugares para os envolvidos nessa trama trágica. O lugar especial, contudo, coube ao grande encarregado da desgraça, doravante chamado de “garrafeiro da morte”, mesmo que não houvesse identificação definida de quem se tratava.

1.3. A caça ao “culpado”: O garrafeiro da morte

Ao passo que o divertimento saiu de cena nos festejos natalinos de 1974, dando ênfase ao luto e ao trauma, a repercussão do fato foi acompanhada por um verdadeiro movimento de caça. Logo, para além da tristeza, a busca por justiça também se fazia presente, sendo amplamente perseguida e noticiada nas páginas do D.B. que por sua vez, explorou todos os sujeitos envolvidos na tragédia.

A investigação jornalística, refletiu com apuros o senso de justiça e curiosidade do povo que buscava por culpados, em especial em relação ao chamado “garrafeiro da morte”, responsável pela explosão.

Como nos referimos anteriormente, vários sujeitos envolvidos na organização, administração e realização da festa foram apontados como culpados pela tragédia. O clima de comoção social exigia que se definisse um culpado, como estratégia para conter o choque da tragédia em si. Observa-se, nesse instante, a criação do que Baudrillard (1992) chamou de “simulacro”, entendido como uma representação do ausente ou desconhecido, para auxiliar na explicação de fatos que ainda não foram devidamente reconhecidos.

Simulacro é um procedimento relativo à produção de sentidos. Quanto mais próximo estiver da realidade, do objeto, menos deixará de ser uma representação. O distanciamento colabora para o surgimento das manifestações de simulacros. Quanto mais distante, mais se tem uma ideia do real, mais se imagina o que é o real, menos clareza se tem do que é a realidade. É como se houvesse uma transformação das coisas em algo parecido com sua forma original (BAUDRILLARD, 1992).

Não à toa emergiu a figura do chamado “garrafeiro da morte” na linguagem jornalística, cedo absorvida pela população, interessada na identificação do verdadeiro culpado pela tragédia, entre tantos acusados pela mesma.

Tendo em vista que o bairro é, tal como apresenta Michael de Certeau (1997), um universo social o qual não aprecia a transgressão, marcado pela transparência social, a exposição dos envolvidos se fazia necessária.

Diante do ocorrido no José Pinheiro, a princípio não havia um culpado em específico. Buscava-se então pelo proprietário do garrafão explosivo. O que gerou um clima de desconfiança e apontamentos entre a população, sobretudo, sobre os comerciantes que fizeram a festa portando cilindro ou botijão a gás. Estes foram os casos do pipoqueiro da quermesse, de outro garrafeiro conhecido como “baiano” e dos próprios donos dos parques de diversão. Quer fosse pela opinião popular ou pelos olhos expiatórios da vizinhança, foram apontados. E buscaram por ser advogado de si, para defender sua versão.

Conforme ficou registrado nas páginas policiais do D.B., tais sujeitos procuraram esse veículo de comunicação com fins de prestar seus esclarecimentos à sociedade campinense e “limpar” sua imagem. Este foi o caso do pipoqueiro, João Pedro Filho⁴³, residente do bairro do Monte Castelo, apontado pelos seus vizinhos como proprietário do garrafão explosivo e ao saber da acusação, se apressou para alegar sua inocência, relatando ser dono de uma pipoqueira e não de um garrafão, a fim de sanar os julgamentos apressados.

Além do pipoqueiro, o dono do Parque Maia, sr. José Maia, também procurou alegar sua inocência, ao enfatizar que não possuíam nem um tipo de ligação, com o “garrafeiro da morte” considerado responsável pela desgraça do Natal, fazendo questão de distanciar a imagem de seus parques de diversões do “grande vilão” ainda desconhecido, mas tão falado na imprensa local. Na companhia de seu empresário David Silva, o sr. José Maia procurou a imprensa para prestar sua versão do ocorrido e reverter assim parte da opinião pública que os acusavam como “culpados”, conforme notifica o D.B.:

Compareceram, ontem pela manhã à nossa redação os Srs. José Maia e David Silva, proprietário e empresário, respectivamente do parque de Diversões Maia, instalado no José Pinheiro, além do sr. Manoel Farias, membro da comissão da festa, para em nome de todos os proprietários de parques, barracas, etc., levarem ao conhecimento da população, que nenhum proprietário de parques, que se instalou no José Pinheiro teve culpa no lamentável acidente de quarta-feira, desfazendo algumas versões de que a culpa é dos parques ali instalados. Salientara os mesmos que estão chocados com o acontecimento, por isso resolveram, em homenagem póstuma aos falecidos, dar feriado por setenta e duas horas. A contar da hora do acidente. Sendo que só começarão a funcionar amanhã à noite. (Diário da Borborema, 27 de dezembro de 1974).

Embora os donos dos parques de diversões, tenham sido culpabilizados em um primeiro momento por parte da população, ao analisarmos as publicações lançadas pelo D.B., outra figura era alvo de “caça”, ganhando notoriedade e status de “vilão”, seria este o tão falado “garrafeiro da morte”, que posteriormente seria identificado como o pernambucano, Adval Argemiro da Silva, de 25 anos, residente da cidade do Recife que, como declarou o Diário da Borborema, fugiu ao pressentir o perigo, sendo localizado e identificado apenas dois dias após a tragédia, quando tentava fugir novamente, nas imediações da BR 230.

Conforme a reportagem do D.B., Adval Argemiro da Silva foi abordado e capturado pelo cabo José Freire, comissário do distrito de Galante que ao receber a denúncia da movimentação suspeita do acusado, por parte de um agricultor, resolveu averiguar a conduta do rapaz.

⁴³ Um informante disse que se tratava de um rapaz que residia no bairro de monte castelo, inclusive casado com uma professora e que fugira para sua residência. (Diário da Borborema, 27 de dezembro de 1974)

De acordo com os relatos do cabo Freire, a um primeiro momento, ele não ligou a figura de Adval à ocorrência no bairro do José pinheiro⁴⁴, mesmo que o acusado estivesse com ambas as pernas feridas de queimaduras de 1º e 2º grau, advindas da explosão. Tal ligação só foi constatada posteriormente, quando conduziu o indivíduo à Delegacia de Costumes, em Campina Grande, onde este foi prontamente reconhecido por Manuel Reis, “o baiano”, também garrafeiro e que estava sendo apontado como responsável. E que acabava de apresentar seu depoimento, acusando Adval como proprietário do garrafão, causador de todo estrago no bairro do José Pinheiro.

Segundo “baiano”, o garrafão de Adval já se encontrava em péssimas condições, não correspondendo aos padrões de segurança. De acordo com as notícias do D.B., mesmo com o aparecimento de Adval, ambos os garrafeiros permaneceram detidos para averiguação. Até o pernambucano cair em contradição⁴⁵, confessando sua presença e fuga do evento, narrada e anunciada à população campinense, como vemos no trecho a seguir:

Adval, diz que atendia uma senhora quando surgiu a explosão: - Fiquei tonto e minha primeira reação foi de medo ao ver as crianças no leito da rua. Corri para longe e na pista consegui um táxi, no qual dirigi-me (SIC) ao pronto socorro sem dizer nada ao motorista. Quando chegou ao hospital não deixou o veículo, porque ali já se encontravam muitos feridos. Afirma que seguiu para Praça da Bandeira onde apanhou o coletivo de laranjeiras, e afastou-se da cidade. Andava sem destino pela BR 230, quando foi encontrado pela polícia e não sabia porque foi preso. Isso é o que ele conta isentando-se da culpa. (Diário da Borborema, 28 de dezembro de 1974).

Descrito como um sujeito frio, mentiroso e calculista que em nada se importava com as vítimas, pouco a pouco, Adval teve sua imagem fabricada pelo D.B. Ao passo que lhe concedeu o poder da palavra, também enfatizou suas contradições, alcunhando-o com o título de “garrafeiro da morte”. Neste sentido, o jornal cumpriu não apenas o seu papel na propagação da notícia, mas na “caça” ao culpado, ao apresentar a sua imagem que foi amplamente publicada e explorada, como se pode verificar nas manchetes que repercutiram na cidade, entre os dias 27 e dia 28 de dezembro de 1974.

⁴⁴ Sem fazer nenhuma ligação com o acidente, o cabo Freire começou a imaginar que Adval se tratava de um fugitivo da penitenciária de Natal, no Rio grande do Norte, e depois de várias contradições achou por bem conduzi-lo à Campina Grande. (Diário da Borborema, 28 de dezembro de 1974)

⁴⁵ Falando aos repórteres mostrava-se aborrecido e queixava-se das dores em decorrência das queimaduras sofridas nas pernas. – Eu quis livrar o flagrante! Quando perguntado porquê? Uma vez que afirma não ser culpado, não soube explicar-se. Contra ele foi instaurado um inquérito policial pelo cel. Sinfrônio. (Diário da Borborema, 28 de dezembro de 1974)

Imagem 1: Prisão do garrafeiro da morte



Fonte: (D.B., 28 de dezembro de 1974)

Como podemos constatar na imagem 1, o D.B., foi o primeiro veículo da imprensa a publicar o rosto do “garrafeiro”, registrando desde o momento de sua prisão, na delegacia de Direitos e Costumes de Campina Grande, até posteriormente quando este foi hospitalizado na cidade. Segundo relata, o garrafeiro era um sujeito jovem e carregava as marcas da explosão, contando com ambas as pernas queimadas. Este foi, inclusive, hospitalizado pelo agravar de suas queimaduras, como se verifica na imagem 2, divulgada pelo jornal, em registro do momento de sua internação, em um dos hospitais da cidade, situação em que contou com acompanhamento policial.

Imagem 2: Registro de hospitalização de Adval Argemiro.



Fonte: (D.B., 28 de dezembro de 1974)

Todavia, ainda assim, era anunciado como um fugitivo em potencial, ao ser exposto como um sujeito astucioso e frio, pela imprensa local, que por sua vez enfatizava o depoimento do cabo José Freire:

Ao chegar na cidade lembrou-se do acidente e como tem familiares na rua Campo Sales, dirigiu o carro por toda artéria. Apesar do avançado da hora tinha muita gente no local. Adval, indiferente a todos e a tudo, permanecia calado no carro, reclamando de dores e da prisão (Diário da Borborema 28 de dezembro de 1974).

Embora possamos reconhecer a parcela de responsabilidade do garrafeiro, Adval, nas tribulações do Natal de 1974, tendo em vista que o mesmo não teve responsabilidade social no uso de equipamento perigoso, causando um desastre de largas proporções, somado à sua postura fugitiva e mentirosa diante do ocorrido, cabe destacar o papel desempenhado pela imprensa local, na “caça” ao responsável. Assim, enquanto veículo de repercussão do acontecimento, ao enfatizar os lugares dos sujeitos envolvidos na tragédia, quer fossem na qualidade de vítimas, autoridades ou acusados, verificamos também que a atuação da imprensa campinense, aqui presente pela narrativa do D.B., foi decisiva na criação de um simulacro que demarcou a culpabilidade antes da identificação do culpado, definindo lugares de culpa.

Tais lugares repercutiram na sociedade campinense com caráter de verdade, marcando esses indivíduos no campo social de sua época, a partir da narrativa jornalística. Esse foi o caso de Adval que, mediante seu erro e irresponsabilidade trágica, recebeu a terrível alcunha de “garrafeiro da morte”, antes mesmo de sua culpa ser averiguada pelas autoridades policiais que investigavam o caso, completando um enredo que gerava ainda mais notícias.

Embora vejamos a figura de Adval Argemiro da Silva, o “garrafeiro da morte”, ser explorada e acompanhada nas páginas do Diário da Borborema, vale salientar que este e as vítimas

pouco a pouco deixaram de ilustrar as páginas do jornal, à medida que a notícia se torna “velha”, e outras ocorrências tocariam de pronto o noticiário da cidade. Apenas em momentos bem pontuais⁴⁶, enquanto uma lembrança do acontecimento, a tragédia retomou as páginas internas do órgão de notícias.

Plenamente absorvido pelos moradores do bairro como traumático, o ocorrido ficou por reverberar nessa população, ante o cancelamento dos festejos de rua, naquela localidade, próxima a igreja de São José.

Neste sentido, a tragédia de 1974 deixou suas marcas nos corpos e na memória da cidade. Pois mesmo com o detectar do culpado, nada superaria o estrago do ocorrido, ao menos para aqueles que perderam seus filhos, pais, parentes, amigos e até mesmo partes de seus corpos. Desta maneira para muitos do bairro do José Pinheiro, que vivenciaram e acompanharam o ocorrido. No dia 25 de dezembro de 1974 o divertimento saiu de cena e se instalou o trauma, vivido por semanas a fio, ao passo em que se localizavam e recolhiam partes dos corpos despedaçados pela terrível explosão que marcou a tragédia.

É observando tal movimento que dedicamos nossos próximos escritos a uma breve análise da lembrança do ocorrido, desta vez não mais em linhas impressas, mas na qualidade de vídeo, especificamente um documentário, produzido por Luciano Mariz, em 2008, trinta e três anos após o ocorrido e que Trouxe à tona, mais uma vez, vozes do natal de 1974, agora “esquecidas” com o tempo na cidade.

UM LUGAR PARA A MEMÓRIA: A PRODUÇÃO DE “OS BALÕES DE 74”

Ao analisarmos a tragédia de 1974 e o modo como esta foi amplamente noticiada pelo D.B. à sociedade campinense, cabe destacar que, ao passo que o acontecimento foi exposto e explorado nas linhas do jornal com grande ênfase e pesar, ocupando lugar na memória da cidade, aos poucos a memória se tornou esquecimento.

Nora (1993), nos ensina que se a história se agarra em acontecimentos, a memória “pendura-se” em lugares. Verificamos que, no caso da tragédia aqui abordada, aos poucos a mesma foi se esgarçando do tecido social. Retomá-la, requer a revisitação desses ditos lugares para além da trama jornalística, a recriação dessas memórias, no sentido de criar uma linha de fuga do esquecimento, de um lugar.

Neste sentido, cabe destacar a produção “Os Balões de 74”, documentário organizado e dirigido pelo professor do departamento de Arte e Mídia, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Luciano Mariz que em uma de suas pesquisas defrontou-se com as notícias lançadas pelo D.B., sentiu-se inclinado a retomar o ocorrido em uma produção áudio visual, gerada no ano de 2008.

Enfatizando o caráter trágico e traumático da explosão na cidade, a produção áudio visual elaborada por Luciano Mariz, apresenta um rico apanhado que é denunciado desde as cores e sons presentes na narrativa, as fotografias lançadas, recolhidas das manchetes do D.B., aos testemunhos de seus colaboradores.

Fazendo toda uma descrição do acontecimento, a produção inicia sua primeira cena com uma alegoria, a demonstrar a expectativa gerada na festa natalina de 1974, ao trazer a representação

⁴⁶ Neste sentido, cabe destacar a edição de 50 anos do Diário da Borborema e que mais uma vez traz à tona o fato.

de uma criança redigindo uma carta para o papai Noel pedindo uma boneca que chorasse de verdade e que após o pedido, se dirige ao parque de diversões também representado na cena como simplório e lotado de brinquedos. O autor busca assim por “recriar” o momento da tragédia. Brinquedos como a roda gigante entram em cena chamando a atenção do espectador que é tomado pelo rompante da explosão, anunciado na cena seguinte demarcando novo momento da produção, seria este o caráter “real” do acontecimento, o momento de fala dos sobreviventes de amargas memórias da quermesse de 1974.

Trazendo à tona os testemunhos como o Pe. José Tavares do Carmo, as vítimas Marcelino Felipe, Givaldo Pereira da Silva, Tereza Silva Santos, as testemunhas Nicolau de Castro Souza, Benjamim Montenegro ambos residentes do bairro e o médico José Morais Lucas que atendeu as vítimas da explosão. Além dos testemunhos do jornalista Humberto Gomes Lira e do repórter Nicolau de Castro Souza. O autor toca o espectador, ao expor os testemunhos de forma narrada, pelos próprios sujeitos que estiveram no acontecimento.

É assim, realizado trinta e três anos após a explosão que os balões de 74 revisitaram as memórias do trágico evento. Abrindo cena aos testemunhos das vítimas residentes no bairro e outros agentes da cidade que vivenciaram de perto o acontecimento. No documentário, temos o compartilhamento de lembranças particulares, porém comuns, sobre o acontecimento. Destacando a ocorrência, como a experiência mais chocante e traumática para a Campina Grande de 1974, os testemunhos fazem a rememoração da tragédia,⁴⁷ aparecendo como parte das memórias vivas da cidade.

É por meio da revisitação dessas memórias particulares, capturadas e guardas pelo documentário, que podemos identificar rastros da tragédia, assim como da história campinense que, embora marcante, nem sempre é lembrada⁴⁸ como argumenta o historiador Benjamim Monteiro, residente do bairro.

Desta maneira, o documentário surge tal como o jornal, na qualidade de fonte histórica, um lugar de fala da memória campinense e do bairro do José Pinheiro, constituindo um ponto de encontro entre lembranças particulares do acontecimento, o qual repercutiu em toda cidade, a qual é um território atravessado de sentidos, de historicidade, ao contar com memórias oficiais e também subterrâneas⁴⁹ sobre tal localidade.

É exatamente ao “reviver”, ou para melhor dizer “rememorar” o trauma que “Os balões de 74” desenterram as memórias subterrâneas da cidade, colocando-as em um lugar. Ao capturar as lembranças do ocorrido que mais uma vez foram expostas como memórias vivas e dolorosas, como um capítulo não superado da vida de suas vítimas. Este é o caso da mãe da menina Edjane Santos, que no período teve toda a sua luta contra morte acompanhada e noticiada pelo D.B. Segundo os depoimentos prestados por Tereza Silva Santos:

Esse tempo todinho não me conformei, porque botaram uma pedra em cima, foi como uma coisa que nunca tivesse acontecido, nunca ninguém lembrou do que aconteceu... para prefeitura, para os políticos na época, não aconteceu nada! Hoje só existe a saudade e a lembrança. Se fosse hoje e não tivesse acontecido, hoje estava ela casada, mãe de filhos, mas Deus não quis, Deus quis ela para ele. (Trecho da entrevista, Tereza Silva Santos, os balões de 74, 2008).

⁴⁷ “Tinha gente que vinha aos pedaços dentro de saco”. (Nicolau de Castro Souza, ao documentário os balões de 74, 2008).

⁴⁸ Com o tempo as vítimas vão sendo esquecidas e essa coisa vai ficando cada vez mais esmaecida na memória da população. (Trecho de entrevista, José Benjamim Montenegro, ao documentário os balões de 74, 2008)

⁴⁹ Segundo Michael Pollack perceber a memória é antes de qualquer coisa observar a existência de zonas de sombras, de silêncios e não ditos os quais encontram-se em perpetuo deslocamento.

Tais falas expostas no documentário, “Os Balões de 74”, registram não apenas a dor das perdas individuais, mas também registram situações em comum para as vítimas. Omissões do passado, sobretudo, ao tecer críticas ao poder público da época que conforme algumas dessas nada fizeram em seu benefício. Confrontando com o discurso lançado pelos meios oficiais, ao D.B.⁵⁰, vítimas como Marcelino Felipe que perdeu ambas as pernas, afirma: “O apoio que recebi foi de um senhor que fez campanha e arrecadou uma quantia em dinheiro e foi levar na minha casa, só foi esse filho de Deus, que Deus abençoe” (Marcelino Felipe, os balões de 74, 2008).

Ao longo da produção audiovisual, sobre a tragédia, muitos são os depoimentos que revelam o desafio de caminhar sobre memórias, sobretudo quando estas comportam um passado de dor, como fica exposto na fala de Givaldo Pereira da Silva, vítima da ocorrência. Esquecer tornasse quase que impossível, constituindo-se não apenas memórias subterrâneas, mas também traumáticas:

“Toda vez que ele pegar na cicatriz ele vai se lembrar e por onde ele for ela vai sempre estar com ele, porque deixou marcas o que aconteceu comigo eu tento esquecer, mas não consigo, por mais que tente, no pensamento ao ver a minha perna ali volta, porque vai estar para sempre comigo” (Givaldo Pereira da Silva, os balões de 74, 2008)

Mediante a tudo que foi exposto, podemos concluir que a lembrança traumática conduz as vítimas ao acontecimento, fazendo-os rememorar o dia 25 de dezembro, o que nos faz identificar outros tons da memória da própria cidade e do Bairro do José Pinheiro, exposto tradicionalmente como um bairro alegre e festeiro, mas que conta com acontecimentos marcantes e não tão felizes. Logo, olhar o lugar de memória de tal tragédia configura-se como um exercício complexo e necessário, afinal, a História não é apenas para ser bela, antes deve cumprir o seu compromisso com o passado, com os outros que durante muito tempo estiveram enterrados no campo do esquecimento.

⁵⁰ Governo do estado vai amparar vítimas na Tragédia do José Pinheiro (Diário da Borborema, 29 de dezembro, 1974)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a tudo que aqui foi exposto, podemos concluir que tomar a cidade como tema é perceber as suas transformações no tempo. Assim como os diferentes lugares de fala, memórias e sujeitos que a fabricam, criando “pequenos mundos” que dão contorno às suas sociabilidades.

É justamente apresentando o caráter de transformação da cidade que visamos enfatizar por meio do presente texto que a Campina Grande que aqui foi exposta não é a cidade marcada unicamente pelo progresso, como quisera em outras ocasiões os cronistas, ou a cidade que se mostra apenas pelas benesses da industrialização, efervescência de seu comércio, o qual deu destaque a este centro urbano em outros tempos, entre as décadas de 1930 e 1940. Assim como também não é a cidade unicamente do belo e do ordenado. A Campina Grande aqui apresentada é uma cidade do passado, da década de 1970 e que se mostra por suas contradições, as pulsações de seus populares que fabricam e re-fabricam seus lugares.

É uma Campina onde seus moradores têm o bairro como primeira referência de sua identidade. No caso aqui exercitado o bairro do José Pinheiro, nosso principal ponto de partida, assim como a cidade marcada pelas transformações, pelas suas relações de sociabilidades que demarcam lugares na memória coletiva de seus populares. Memória essa que vale lembrar, nem sempre é de um passado feliz ou de glórias. Comportando seus pontos amargos, como fora o caso da tragédia de 1974, que trouxe à tona um evento trágico do bairro, posto sempre como alegre e feliz. Nos faz refletir também sobre o desafio que enfrentamos ao caminhar sobre as memórias.

Com o desfecho traiçoeiro dos festejos natalinos de 1974 no José Pinheiro, percebemos uma transformação nas práticas comemorativas no bairro. Com o encerramento em definitivo de suas festas de rua ao lado da Igreja de São José, e a adaptação de seus moradores para novas formas de divertimentos, como é o caso das Festas de São João na cidade. Com o passar do tempo, a cidade e o bairro criam novas roupagens, penduram-se nos pontos “fortes” de suas memórias, deixando ser “enterradas” as memórias amargas. O que nos faz perceber que ao falarmos em memória nos referimos não apenas a perpetuação da vida através do tempo, mas também em silêncios, em esquecimento. Cabendo ao historiador captar essa irmandade e visitar esses pontos de silêncio.

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, Jean. **A transparência do mal - Ensaios sobre fenômenos extremos**. Campinas: Papirus, 1992.
- CARDOSO, Carlos Augusto de Amorim. **A cidade cogumelo: campina grande as feiras as festas**. Revista de Geografia da UFC, nº02, 2002
- CERTEAU, Michael. **A Invenção do cotidiano**, v.2. Ed. Vozes, Petrópolis –RJ, 2008.
- GURJÃO, Eliete Queiroz. **O bairro do José Pinheiro: Ontem e Hoje**. João Pessoa-PB. 1999
- HALBWACHS. **A memória coletiva**. Ed. Vértice. São Paulo. 1990
- MONTEIRO, Luíra Freire Monteiro. SANTANA, Flávio Carreiro de. **História Local; múltiplos olhares**. João Pessoa: Ideia, 2018.
- NORA, Pierre. **Entre Memória e História a problemática dos lugares**. Proj. História. São Paulo, Dezembro, 1993.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy, **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Revista Brasileira de História, vol. 27, nº 53, junho de 2007, p.14,15.
- POLLANK, Michael. **Memória, Esquecimento e Silêncios**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- SILVA, Silvia Tavares. **O bairro de José Pinheiro: Memórias, Práticas e representações**. Trabalho Monográfico, UFCG, (S/D).
- SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa. **Populares na cidade: vivências de trabalho e do lazer**. João Pessoa: ideia, 2011.
- SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945 – 1965)**. Tese de doutorado, UFPE, 2002.